

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

LUCIANA DOS SANTOS

AÇÕES AFIRMATIVAS:
A Arte-Educação na Construção de práticas étnico-raciais
para o 2º ciclo da Educação Infantil

Belo Horizonte
2010

LUCIANA DOS SANTOS

AÇÕES AFIRMATIVAS:

A Arte-Educação na Construção de práticas étnico-raciais
para o 2º ciclo da Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Dr. José Raimundo
Lisboa da Costa

Belo Horizonte

2010

Ficha Catalográfica

S237a Santos, Luciana dos.
T Ações afirmativas : a arte-educação na construção de práticas étnico-raciais para o 2º ciclo da Educação Infantil / Luciana dos Santos. - UFMG/FaE, 2010.
99 f., enc.

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Culturas Afro-Brasileiras , pelo curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador : José Raimundo Lisboa da Costa.
Bibliografia : f. 99.
Anexos : f. 53-98.

1. Educação -- Teses. 2. África -- História -- Teses. 3. Identidade -- Aspectos sociais -- Teses.
I. Título. II. Costa, José Raimundo Lisboa da. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

LUCIANA DOS SANTOS

AÇÕES AFIRMATIVAS:

A Arte-Educação na Construção de práticas étnico-raciais
para o 2º ciclo da Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Dr. José Raimundo Lisboa da Costa

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. José Raimundo Lisboa da Costa – FAE- UFMG

Elânia de Oliveira

Agradecimentos

À Deus por ter me iluminado e sustentado com força e determinação nesta múltipla jornada.

Aos meus ancestrais, que estiveram espiritualmente comigo durante esta trajetória.

Aos meus familiares, em especial à minha irmã Márcia e meu cunhado Roberto, que me apoiaram durante todo o curso.

Aos amigos, que compreenderam o meu cansaço e minhas ausências nos momentos de entretenimento e diversão dos finais de semana.

À Ionara Godoy, diretora da UMEI Granja de Freitas que não mediu esforços para que o projeto se concretizasse fornecendo toda a materialidade necessária.

Aos alunos participantes do projeto de intervenção da UMEI Granja de Freitas, pelo entusiasmo, interesse, carinho e participação.

A todos os professores, artistas e arte -educadores, que utilizam do trabalho que realizam como um instrumento de reflexão e crítica à favor da luta pela valorização do negro, de sua identidade e pela igualdade de direitos.

RESUMO

Este projeto tem como proposta a aplicação da Lei 10.639/03 relativa à educação étnico-racial, que tem como objetivo redirecionar nesta perspectiva algumas propostas pedagógicas da escola onde foi desenvolvido. A base dessa reflexão foi pautada no trabalho com a disciplina em Artes enquanto linguagem interdisciplinar na prática anti-racista na educação. Essa metodologia se refere à valorização do uso da linguagem plástica visual, como contribuição dos estudos identitários, históricos, geográficos e culturais com a específica finalidade de abordar, discutir e refletir acerca da construção histórica da imagem negativa do negro no Brasil, minimizando, nesse sentido, os reflexos históricos de exclusão social, a fim de que no futuro as crianças possam reconstruir positivamente a identidade negra do nosso país.

Palavras-chave: História da África, Arte-educação, Identidade, Negro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	03
1.1 CAPÍTULO 1 – Do núcleo familiar à educação escolar	07
1.2 CAPÍTULO 2 – O ofício de ser professor	24
1.3 CAPÍTULO 3 – O Plano de Ação	29
1.3.1 Tema	29
1.3.2 Título	29
1.3.3 Contextualização da UMEI Granja de Feitas	30
1.4 Objetivos a partir dos eixos temáticos	32
1.4.1 1º Eixo Temático: a identidade cultural e o respeito à diversidade.....	32
1.4.1.1 Objetivo geral	32
1.4.1.2 Objetivos específicos	32
1.4.2 2º Eixo Temático: conhecendo o continente africano	32
1.4.2.1 Objetivo geral	32
1.4.2.2 Objetivos específicos	32
1.4.3 3º Eixo Temático: o resgatando memórias: a influência da África na cultura brasileira	33
1.4.3.1 Objetivos gerais	33
1.4.3.2 Objetivo específico	33
1.5 Público Alvo	33
1.6 Duração	33
1.7 Recursos	34
1.7.1 Recursos materiais	34
1.7.2 Recursos humanos	34
2. DESENVOLVIMENTO	34
2.1 Metodologia	36
2.2 1º Eixo Temático	37
2.3 2º Eixo Temático	39
2.4 3º Eixo Temático: Livros: “A descoberta de Francisco” e “O encontro de Francisco	42
2.5 Avaliação	44
2.6 CAPÍTULO 4 – Reflexões e vivências individuais	44

2.6.1 1º Eixo Temático: identidade cultural e o respeito da diversidade.....	44
2.6.2 2º Eixo Temático: conhecendo o continente africano	47
2.6.3 3º Eixo Temático: o resgatando memória: a influência da África na cultura brasileira	49
3. CONCLUSÃO	51
ANEXOS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da História do Brasil, o negro, desde sua chegada ao país foi considerado uma raça inferior não constituído de alma, cultura e memórias, apenas uma mão –de- obra servil e comerciável.

Após a abolição da escravatura em 1888, o negro percebeu-se em meio a uma sociedade que negava sua identidade de pessoa-humana com potencialidade e habilidades, dificultando assim sua inserção na vida da sociedade.

Sendo sua identidade humana, cultural e religiosa negada historicamente, no decorrer dos séculos, o negro ainda nos tempos contemporâneos encontra resquícios de preconceitos em diversos âmbitos da sociedade, inclusive nos espaços escolares.

Em 2003, o Governo Federal aprovou a Lei 10.639 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileiras e africanas. Nesse sentido, para estudar e compreender a história do continente africano significa antes de tudo, compreender primeiramente a visão do registro colonialista como uma unidade monolítica, selvagem, pobre, sem cultura e ahistórico, desprezando a inúmera diversidade das culturas de seus povos e suas intencionalidades de manter esse teoria durante todos esses séculos.

Através dessa quebra de paradigmas é possibilitado a nós lançar um olhar diferenciado do colonizador sobre a África, localizando e desfazendo imagens eurocêntricas que construíram estereótipos negativos sobre os africanos negros.

No entanto, nem sempre esses espaços/instituições estão preparados para orientar os indivíduos no sentido de uma construção afirmativa da identidade, por isso problematizar o preconceito, desmascarar diariamente o mito da democracia racial confrontando as verdades naturalizadas da igualdade é sumamente importante para que assim a busca de uma identificação racial valorativa do ser negro seja de fato concretizada.

A implementação da Lei 10.639 através das políticas de Ações Afirmativas, visa fazer por intermédio da Educação, desenvolver atividades e discussões nas mais diversas áreas de disciplinas do âmbito escolar sobre tudo em História, Literatura e Artes, com o intuito de resgatar a valorização do

negro em sua historicidade, tradição intelectual e cultural. Como é citado na Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana:

“A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes africanos negros, danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos pelo regime escravista, bem como em virtude de políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com o poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminação.”
(BRASIL: 2005,p.11).

Dentro desta perspectiva é de suma importância que a implementação da Lei 10.639 seja ela colocada em prática desde a Educação Infantil, uma vez que, neste primeiro ciclo de escolaridade a criança inicia a construção de sua socialização e sua constituição identitária enquanto indivíduo crítico com direitos e deveres. E é a partir destes primeiros contatos com a socialização escolar é que se dão os primeiros conflitos étnicos e sociais.

Dentro dessa perspectiva, a Educação tem um papel salutar no trabalho das Ações afirmativas. Nesse sentido, importante ressaltar que é de suma importância que os trabalhos étnicos raciais sejam iniciados na primeira infância, com o objetivo de se valorizar sua história e sua identidade cultural promovendo o auto-reconhecimento do negro enquanto cidadão constituído de direitos e deveres.

Diante da necessidade do aluno de Educação Infantil tomar conhecimento de sua própria identidade, do respeito à pluralidade da formação étnica e cultural do povo brasileiro é que este trabalho está sendo proposto para a o 2º ciclo da Infância enfatizando as Artes plásticas e visuais como instrumento de reflexão, criticidade, percepção e desenvolvimento de habilidades a partir da temática proposta. Assim como prevê o PCN nos temas transversais sobre a pluralidade cultural:

A escola no Brasil, durante muito tempo e até hoje, disseminou preconceito de formas diversas. Conteúdos indevidos e até errados, notadamente presentes em livros que tem sofrido críticas fundamentadas, constituem assunto que merece constante atenção. Também contribuía para essa disseminação preconceitos de certa

mentalidade que vinha privilegiar certa cultura, apresentada como única e aceitável e correta, como também aquela que hierarquizava culturas entre si, como se isso fosse possível, sem prejuízo da dignidade dos diferentes grupos produtores de cultura. Amparada pelo consenso daquilo que se impôs como se fosse verdadeiro, o chamado criticamente, “mito da democracia racial”, a escola muitas vezes silencia diante de situações que fazem seus alunos alvo de discriminação, transformando-se facilmente em espaço de consolidação de estigmas. Assim, o educador está sujeito a uma escolha inevitável- ainda que inconsciente – quanto agente privilegiado da expansão ou da contração do preconceito e da discriminação. Portanto embora não caiba à educação, isoladamente, resolver o problema da discriminação em suas mais diversas manifestações, cabe-lhe atuar para promover processos conhecimentos e atitudes que cooperem na transformação da situação atual.”
(Brasil, vol.10.p.24)

A escola enquanto promotora de novas reflexões e cooperadora da sociedade na quebra de paradigmas culturais anteriormente impostos como verdade única, tem papel salutar na formação de novos atores sociais voltados para uma cidadania cuja questão étnica racial seja tratada com respeito e igualdade de direitos e como possibilidade aprendizado na pluralidade e respeito a toda forma de expressão cultural ou religiosa.

Nesse processo cabe o professor ser mediador desse processo promovendo espaços que promovam momentos de contatos coma as culturas de um modo geral e no caso em questão, a cultura africana e afro-brasileira, mas para tal, necessita ele mesmo buscar conhecimento e valorização de sua própria identidade e também a dos alunos e desfazer inúmeros preconceitos sobre a importância de se trabalhar sobre a questão étnica nos espaços escolares de forma crítica e reflexiva.

O ideal seria o professor ter uma reflexão do seu pertencimento étnico-racial e compreender o seu próprio percurso de formação dessa identidade para entender que nem todos os/as alunos/as a sua volta, os negros em especial, se vêem como tal e, além disto, ele/a precisa saber como abordar o assunto. No entanto, isso ainda está no plano do ideal. Esse professor vive na sociedade brasileira e se forma como um cidadão ou cidadã que aprende a discursar positivamente sobre as diferenças, mas na prática, as vive de maneira ambígua e, por vezes, discriminatória.

(GOMES ET AL, 2006)

Assim, o projeto *Ações Afirmativas: A Arte Educação na Construção de Práticas Étnicos Raciais para o 2º ciclo da Educação Infantil* intenciona

promover, através de diversas linguagens artísticas, ações que valorizem o aluno em sua totalidade, aprendendo a conviver com a diversidade em suas mais diversas vertentes, vivenciando conhecimentos culturais da História da África e a influência deste continente na cultura brasileira.

Nesse sentido, este trabalho se encontra subdividido em cinco capítulos no intuito de melhor especificar suas partes constitutivas.

No primeiro capítulo é apresentado a introdução do memorial que compreende a etapa do “Núcleo familiar à Educação Escolar”. O segundo, refere-se às práticas docentes e a análise teórico-metodológicas delas, bem como do histórico de formação profissional.

Como se constata, os dois primeiros capítulos se referem ao Memorial que aqui é concebido como uma autobiografia formativa, configurando-se, portanto, como narrativa simultaneamente histórica e reflexiva; tendo sido escrito sob a forma descritiva, histórica, analítica, crítica e propositiva abordando os fatos e acontecimentos que constituíram, e ainda constituem, a trajetória acadêmico-profissional de sua autora que, por sua vez, influenciou tanto na escolha dessa área da Pós-graduação (História da África e Cultura Afro-Brasileira) quanto na temática deste projeto, daí a relevância da inclusão desse modelo de escrita no corpo deste trabalho.

Já o terceiro capítulo traz o Plano de Ação aplicado na escola em questão e todas as partes que o constituem desde a apresentação do espaço escolar até a descrição das possibilidades de avaliação do mesmo. Por fim, o capítulo quatro aborda as vivências individuais e algumas reflexões referentes à aplicação desse Plano de Ação, bem como os limites e alcances do mesmo.

1.1 Capítulo 1 – Do núcleo familiar à educação escolar

Nasci na cidade de Belo Horizonte, no dia 23 de abril de 1978. O contexto histórico da época em que nasci retratava a Ditadura Militar, o fim do Governo Geisel e o início do Governo do General João Baptista Figueiredo.

Com a vitória do MDB nas eleições em 1978 começou a acelerar o processo de redemocratização. O então presidente, decreta a Lei da Anistia, concedendo o direito de retorno ao Brasil para os políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos. Os militares de linha dura continuavam com a repressão clandestina.

Fazia parte do núcleo familiar em que nasci; meu pai José, minha mãe Maria e meus três irmãos: Ricardo na época com treze anos, Wanderley com onze anos e Márcia com dez anos.

A minha descendência étnica é proveniente de origens africanas por parte do meu pai que é negro, e por parte da minha mãe, a descendência é de proveniência indígena.

Éramos uma família muito pobre, que saiu em 1971 da cidade de Ponte Nova – MG para a capital em busca de maior oportunidade de emprego e estudo para os filhos. Quando nasci, meu pai trabalhava em uma marcenaria no mesmo bairro que morávamos e minha mãe, Maria, trabalhava como auxiliar de serviços gerais em uma escola particular, hoje inexistente, em um bairro próximo ao nosso.

Devido à Lei de Licença Maternidade vigente em 1978, minha mãe pôde ficar licenciada após meu nascimento somente durante trinta dias. A responsabilidade dos meus cuidados ficou para minha irmã Márcia com dez anos e meu irmão Wanderley com onze anos que se revezavam de acordo com os horários escolares. Meu irmão mais velho estudava no Ensino Fundamental em um horário e no outro, fazia curso no SENAI.

A casa onde morávamos quando nasci, era um barracão de aluguel muito antigo e danificado de três pequenos cômodos onde não havia banheiro (somente fossa), nem água encanada. Usávamos a água da casa do proprietário do barracão para as nossas necessidades básicas.

Ficamos nesta casa até 1989, até quando meus irmãos cresceram, começaram a trabalhar, compraram um lote e construíram uma casa para nós, no mesmo bairro onde moro até hoje com meus pais.

Fui criada com muita simplicidade, meus pais não gostavam que eu brincasse na rua e nem na casa de outras crianças, mas sempre tive a companhia dos meus irmãos nos momentos de brincadeira e principalmente da minha irmã que sempre tive em relação a ela uma referência materna.

Apesar das dificuldades financeiras, meus pais tinham a preocupação em nos proporcionar momentos de lazer. Quando estavam em melhores condições, nos levavam ao parque, ao zoológico ou na casa de parentes. Mas a diversão principal dos finais de semana era passear em uma fazenda antiga do meu bairro. Lá brincávamos de corda, rouba bandeira, futebol, queimada e nadávamos em pequenos lagos que as biquinhas iam fazendo ao longo dos córregos. Atualmente, parte da fazenda ao qual me refiro, está se tornando um condomínio fechado.

Outros momentos de lazer que tínhamos era passar horas juntos e como qualquer outra tradicional família mineira do interior, escutar as histórias reais e fictícias dos nossos antepassados e também participar das festas religiosas católicas que eram promovidas no meu bairro, como quermesses, homenagens à Nossa Senhora no mês de maio e eventos provenientes da Cultura Afro-brasileira como o congado e a capoeira.

Durante a minha infância, minha família sempre me incentivou a desenhar e pintar. Apesar de uma realidade com poucos recursos financeiros, lembro-me que no Natal sempre ganhava um conjunto de lápis de cor com seis cores ou uma aquarela escolar. Os papéis utilizados eram os que vinham pão embrulhado ou folhas de computador que uma prima ganhava do patrão dela. Os desenhos eram sempre os registros de toda criança: a família, um bichinho de jardim, um super-herói, etc.

Nas brincadeiras infantis, os brinquedos que eu tinha eram desprovidos de recursos eletrônicos e além desses o meu pai trabalhava em uma marcenaria e sempre trazia restos de pequenos pedaços de madeira para brincar. Com esses objetos e com muita criatividade é que me divertia na infância.

Ainda na minha infância outra atividade que gostava muito de fazer era brincar com retalhos de pano. Utilizando agulha e linha com eles fazia roupas de bonecas, fuxico e bolsinhas.

A minha família sempre teve participação nos movimentos sociais, na Igreja (Grupo de jovens, Catequese, etc.) e na vida da Comunidade. O bairro onde moramos a mais de trinta anos, naquela época apresentava-se precário em suas necessidades básicas, inúmeras vezes, presenciei meus pais à frente de reuniões, coletas de abaixo-assinados visita a entidades como COPASA, SUDECAP e sistema de transporte pela melhoria do bairro.

Devido à influência positiva dos pais na vida da Comunidade, meus irmãos e eu aprendemos desde pequenos a nos tornar cidadãos de direitos e deveres e a lutar por melhores condições de vida para nós e para os que tinham menos que nós. Dessa forma os amigos que fui conquistando em minha adolescência e juventude, sempre estavam atrelados ou às questões sociais ou dos movimentos de base da Igreja.

A minha diversão e dos meus amigos era fazermos caminhadas em trilhas, assistirmos filmes na casa uns dos outros, conversar na praça depois da Missa, fazer rodízio de pizza. Outra atividade muito comum em minha adolescência era participarmos de gincanas beneficentes e campanhas de arrecadação de alimentos e roupas para cestas de Natal.

Fazendo uma reflexão sobre essas relações vivenciadas por mim observo que a minha geração foi a última a ter essa visão mais política e social da vida. Atualmente observo que os adolescentes e jovens todos “sem bandeira” e sem perspectiva de luta, perdidos em meio ao consumismo e a sociedade espetaculosa ao qual encontramos inseridos.

Dentro dessa perspectiva é que meus irmãos e eu crescemos. Nossa educação foi muito rígida, porém consolidada em uma profunda formação de caráter, honestidade e cidadania. Apesar de toda a dificuldade financeira que tivemos durante a infância e a adolescência, conseguimos através de muita luta a termos uma melhoria financeira através do trabalho e do estudo: eu e minha irmã conseguimos a fazer Faculdade e nos tornamos professoras, meu irmão mais velho, Ricardo, seguiu carreira militar e atualmente é Sub-Tenente do Exército e meu irmão Wanderley é gerente de um clube.

A minha experiência escolar iniciou no antigo pré-escolar em 1984, atualmente primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola do meu bairro que se chama Escola Estadual Walt Disney que na época tinha turmas até o 5º ano e há uns vinte anos atrás começou a atender também a demanda do Ensino Médio.

Tenho lembranças positivas deste primeiro ano de escolarização, pois gostava muito de ir para a escola tanto pelos aspectos sociais, tanto pelos aspectos cognitivos.

Os aspectos sociais, porque me proporcionava momentos de convivência com crianças da mesma idade que eu. As músicas e as brincadeiras era base fundamental para o aprendizado e estes momentos eram muito prazerosos. A escola oportunizava momentos lúdicos com brincadeiras típicas da época: casinha, pare-bola, corre-cotia, etc.

Com relação aos aspectos cognitivos, lembro-me que o currículo e o ano letivo eram bem menor que o vigente: tinha-mos férias durante todo o mês de julho e janeiro. Na proposta do currículo tínhamos que sair da pré-escola socializados e adaptados à rotina escolar. Saber escrever o nome, as letras do alfabeto, denominar cores, formas geométricas e os conceitos matemáticos.

Nesta etapa da minha escolarização eu tinha duas professoras “Tia Marilda” e “Tia Mônica”. Considero as duas professoras da minha pré-escola verdadeiras heroínas, pois além do despojamento nas relações com os alunos (nunca vou esquecer da época que fiquei com pneumonia durante um mês e recebi a visita das minhas professoras em minha casa) conseguiam fazer atividades e apresentações criativas apesar do precário material que a escola dispunha.

Quando terminei a pré-escola continuei na mesma instituição e dei início à 1ª série em 1985. A professora desta etapa se chamava Lenice era muito séria e exigente. Foi com ela que aprendi a ler e a escrever. Nunca esqueci do meu primeiro livro de alfabetização chamado “O Cachorrinho Fujão” que foi adotado pela escola com o objetivo de alfabetizar através do Método Global de Contos.

Desta época lembro-me das famosas escritas da ficha escolar, das inúmeras cópias das palavras do livro didático que utilizavam da letra cursiva e que dava nos meus dedos calo todos os dias, dos ditados das palavras

relacionadas à da unidade de estudo do livro didático. . Foi na 1ª série que ganhei da minha família o primeiro livro literário chamado o “O circo do Padeiro” do qual o autor não recorde o nome.

Nas aulas de Matemática, recorde do Q.V.L. (Quadro Valor de Lugar) que era confeccionado de papel e palito de fósforo e era utilizado para aprendermos a fazer operações de adição e subtração.

Nesta série conquistei dois grandes amigos: Daniela e Renato, das quais prosseguimos com a amizade no decorrer da vida até os dias atuais.

Na 2ª série em 1986, a minha escola passou por uma grande reforma, pois o bairro estava crescendo e não estava comportando a demanda de alunos. Então o Estado alugou um prédio muito antigo e danificado em um bairro próximo ao que estudávamos dividiu a escola em três turnos.

Assim como a maioria dos alunos, eu não tinha recursos financeiros para pegar ônibus ou pagar especial, por isso andávamos cerca de quarenta e cinco minutos para irmos e voltarmos da escola todos os dias.

A minha professora da 2ª série chamava-se Edi e era muito dedicada. Apesar de todo o esforço da professora, a nova realidade que estávamos vivendo transformou-se em um grande desafio para nós enquanto alunos e também para ela. Esta nova realidade, obviamente prejudicou muito meu aprendizado, pois já chegava cansada na escola e como todas as outras crianças ficava desinquieta e agitada. Não tínhamos espaço para Educação Física nem cantina para merendarmos. Comíamos em sala.

Mesmo com todas as dificuldades que tive em meu aprendizado principalmente em Matemática nas operações de divisão e multiplicação, consegui ser aprovada para a 2ª série. Nesta etapa posso ressaltar que foi fundamental o papel da minha família que tanto me ajudou dando assistência em casa nas atividades e me dando reforço nos momentos vagos.

Logo quando iniciei a 3ª série, voltamos para a nossa escola que após a reforma se tornou bem maior em relação aos espaços físicos: aumentou o número de salas de aula, foi construída uma quadra poli esportiva e a revitalização da área verde.

Nesta etapa a minha professora se chamava Aldenice. Lembro-me que era bem séria e interagiu pouco com os alunos, talvez seja por isso que não guardo lembranças significativas desta época.

A minha 4ª série foi a série que tenho inesquecíveis lembranças. Minha professora, D. Conceição, era uma das melhores professoras da escola. Com muita dedicação e dinamismo a professora planejava teatros e apresentações com a gente, organizava festas e passeios.

Os conteúdos explicados por minha professora da 4ª série ainda guardo na memória: O corpo humano, o desenvolvimento da vida humana, as frações e os números decimais, o Brasil e suas regiões, o folclore brasileiro entre tantos outros. Mas de tudo que ela ensinava jamais esqueci dos momentos que ela de uma forma muito descontraída D. Conceição parava para nos falar sobre higiene, sexualidade, como nos comportar na hora da alimentação e nos espaços coletivos. Esta foi a minha última professora desta escola.

Em 1989 fui para a 5ª série em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte chamada Escola Municipal Wladimir de Paula Gomes. De um modo geral a escola era muito preocupada com a formação pessoal do aluno e por isso recebíamos muitas orientações sobre família, sexualidade, ética, etc.

No horário alternado ao que estudávamos era nos oferecido plantões de estudo dos conteúdos de Português e Matemática.

Das aulas da 5ª série me recordo que frequentava a “1ª turma”. Nesta fase fiquei empolgada de estar em um colégio, de ter disciplinas separadas ministradas por professores especializados e principalmente porque sabia que estava entrando na pré-adolescência e que muitas mudanças físicas e psicológicas iam acontecer comigo.

Durante a 5ª série as matérias que mais chamavam a atenção eram as aulas de História que foi o primeiro contato que tive com a História do Brasil e as aulas de Educação Artística e me lembro que estudávamos MPB, músicas folclóricas e tínhamos que aprender também nesta disciplina o Hino da Independência, Hino Nacional e o Hino da Bandeira. A disciplina que menos me atraía era a Educação Física pois além de não ter dom para atividades esportivas, eu era muito criticada pela professora.

Em 1990 já na 6ª série, lembro que o colégio começou a fazer enturmação heterogênea. Nesta nova configuração de turmas tínhamos alunos muito mais velhos com alto índice de repetência com alunos que nunca tinham sido reprovados.

Tive dificuldade em adaptar-me a esta nova realidade da escola. A Minha turma 6ª série era composta em sua maioria por alunos de 15, 16 e 17 anos. Eu e os demais alunos da turma cuja faixa etária encontrava-se pertinente com a idade, ou seja, 12 anos éramos destratados, sendo excluídos dos times na Educação Física e nas rodas de conversa. A turma era indisciplinada com altos níveis de suspensão.

As disciplinas que me recordo foram: Geografia que trabalhou o Brasil durante todo o ano, as aulas de Matemática e as inesquecíveis expressões numéricas, as desinteressantes aulas de Artes com técnicas para colorir que quase me fizeram tomar recuperação no final do ano e as aulas de redação que me despertaram o interesse por escrever. Apesar de todos os problemas de socialização presentes na turma consegui com certa dificuldade ser aprovada para a 7ª série.

Iniciei a 7ª série em 1991 foi muito marcante para mim, a turma era heterogênea, porém em menor número e tínhamos uma boa sociabilidade. Nesta época tinha 13 anos, esta idade tornou-se sinônimo de muitas mudanças em minha vida: a entrada definitiva na adolescência a vivência do primeiro amor, a paixão pela música e a sensação que ainda tinha uma vida toda pela frente e sentir a necessidade de querer viver tudo em um único dia.

No âmbito escolar, duas matérias foram inesquecíveis: Organização Social e Política Brasileira (O.S.P.B) o livro didático que utilizávamos não me do título mas, me lembro que era do autor Frei Beto. O conteúdo não podia ser melhor: movimentos sociais, a vida das sociedades indígenas e quilombolas, a formação dos partidos políticos, questões sobre democracia, etc. o professor era magnífico em sua discussão e na forma de conduzir as aulas, nos levando sempre a reflexões através de trabalhos em grupos e seminários.

A outra matéria que não esqueci foi a disciplina de Matemática, afinal foi ela que me fez ficar de recuperação pela primeira vez. O professor Luiz Alberto era até muito bom, eu que não me interessava pela matéria. Lembro que a recuperação foi realizada com aulas durante todo o mês de janeiro e a prova final era aplicada só no final do mês. Fiquei de castigo durante todo o mês da recuperação. A única coisa que podia fazer era estudar. Depois de tanto estudar o resultado não podia ser outro: fui aprovada para a 8ª série.

Em 1992, a 8ª série no Colégio em que estudava teve gosto de despedida. Foi uma época de muitas festas e gincanas sempre promovidas pelas turmas de 8ª série para juntarmos dinheiro para a formatura. De todas as matérias só me lembro da disciplina de Matemática que naquele ano fui uma das alunas mais brilhantes da turma.

A formatura não tinha como ser mais emocionante do que foi; os amigos de quase uma vida inteira sabiam que estavam indo rumo ao desconhecido, iam se separar e estudar nos mais diversos colégios espalhados por Belo Horizonte, íamos querendo ou não chegar na fase de escolhermos uma profissão (nesta época a maioria dos colégios de Ensino Médio eram profissionalizantes).

Considero os primeiros anos de escolares os momentos mais marcantes e fundamentais da vida escolar para qualquer aluno. É nesta fase que ele vai amar ou odiar o espaço e o sistema escolar para o resto da vida.

Fazendo uma avaliação dos primeiros anos da minha escolarização, posso dizer que tenho como referência e exemplo a postura profissional de boa parte dos professores que passaram pela minha vida no Ensino Fundamental.

Sempre prezei professores que se preocupam com a vida pessoal dos alunos. Eu não sei se era uma postura típica dos profissionais das décadas de 80 e 90, se o que tive foi muita sorte ou se era filosofia das escolas em que estudei, mas o importante é que eles fizeram a diferença tanto na minha vida pessoal e refletiram nitidamente em minha postura profissional atual.

Após a formatura fui encaminhada pelo colégio para estudar no Estadual Central e fazer o Curso Científico.

Em 1993, comecei estudar na tradicional Escola Estadual Governador Milton Campos, mais conhecida como Estadual Central, na época considerado um dos melhores colégios de Belo Horizonte, que já existia em Ouro Preto em 1854 com o nome de Ginásio Mineiro antes da fundação de nossa cidade.

Logo após a transferência da sede administrativa do Estado de Ouro Preto para Belo Horizonte, o colégio também foi transferido para cá em um prédio com a arquitetura de Oscar Niemayer no bairro Santo Antônio.

No decorrer da existência do Estadual Central estudaram várias personalidades renomadas em Minas Gerais e no Brasil como o ex-prefeito Fernando Pimentel, o cartunista Henfil, o sociólogo Betinho e o senador

Eduardo Azeredo. A tradição dos movimentos estudantis também era a “marca” do Estadual Central.

Com tanta tradição obviamente grande parte dos alunos do colégio Estadual Central era da classe média à classe média alta. Nesta época essas duas classes estavam tirando os filhos dos colégios particulares devido à arroxio financeiro ocorrido pela crítica situação da economia brasileira deixado pelo então deposto ex-presidente Fernando Collor de Mello.

Dentro deste contexto social dos alunos estava eu: negra, pobre com poucos recursos para estudar e longe dos amigos. Com uma realidade social tão destoada claro que a minha adaptação neste Colégio foi desastrosa só conversava mesmo com duas colegas Sueli e Juliana que tinham a mesma realidade que a minha. Não tinha assunto para conversar com os demais colegas que sempre falavam de roupas de marca, passeios em shoppings, boates, viagens para o exterior, passeios em fazendas e propriedades da família.

Lembro que para eu estudar neste colégio, minha família só tinha condições para me dar somente uma passagem de ida e volta de ônibus. Então pegava o ônibus do meu bairro até o centro e andava mais ou menos mais uns 8 quilômetros a pé até chegar até o Colégio e na volta fazia o mesmo percurso.

No 1º ano Científico foi reprovada sem direito a fazer recuperação, também não era para menos, não suportava nem as aulas, nem os professores, muito menos os colegas. Como a maioria dos alunos via das escolas particulares, a maioria dos professores partia do pressuposto que todos estavam no mesmo nivelamento de aprendizado e passavam muito rapidamente as matérias, e quem estava com dificuldades que “corressem atrás do prejuízo” contratando professores particulares. O único objetivo que interessava ao professores e pela maioria dos alunos era o vestibular (tão distante da minha realidade!).

O resultado desta minha primeira e única reprovação foi um choque para minha família, pois sempre fui uma boa filha e boa aluna. Não costumava compartilhar com a minha família as dificuldades sociais e culturais que passava no Estadual Central, pois sabia que eles faziam tudo que podia por mim eu é que talvez ainda tão menina, com apenas 15 anos não havia ainda aprendido a lidar com a diversidade social.

Por causa desta reprovação pedi a minha família que me transferissem para outro colégio, mas a minha família se negou já que não consideravam que eu não deveria perder a oportunidade de estudar em um dos melhores colégios de Belo Horizonte.

No ano seguinte já com 16 anos mudei minha postura: arranjei um trabalho para fazer em minha casa mesmo. Meu trabalho era ensinar o dever de casa para algumas crianças do meu bairro em um horário alternado ao dos meus estudos (minha vocação para o magistério nasceu nesta época), pois eu não queria depender mais da minha família para estudar. Comecei a ficar estudando até de madrugada para não perder notas e manter a matéria em dia e a interagir como os colegas e falar da minha realidade e assim de certa forma, até conquistar o carinho e admiração de alguns colegas.

A partir daquele ano fui aprovada até o terceiro ano 1996. Desta fase do Ensino Médio Científico não sinto saudades e nem boas lembranças de nada. Fiz o que deveria ser feito e só! Lembro nitidamente da maioria das matérias, pois tive que dedicar-me muito a cada uma delas se eu quisesse ser aprovada a cada final de ano, mas na verdade é que não gosto nem de me lembrar desta época. (Confesso que estou relatando esta fase da minha vida aos prantos).

Mas como em tudo na vida, nenhuma experiência tem um lado só negativo, sempre levamos algo dos acontecimentos que nos ajudam no futuro. As experiências que levei de positivo desta época para minha vida foram a maturidade um tanto quanto precoce que tive que buscar para conseguir conciliar trabalho e estudo. A partir daí segui sempre neste mesmo ritmo de trabalhar e estudar. E a outra, foi a ter adquirido disciplina para estudar que muito me ajudou em outras etapas futuras da minha vida.

Assim que concluí o científico e já com a experiência do reforço escolar que ministrava em minha casa, cheguei à conclusão que a minha vocação era de ser mesmo professora. Então em 1997 fui fazer magistério no horário noturno na Escola Estadual Walt Disney, a mesma escola que estudei da pré-escola à 4ª série. Como já tinha feito o Ensino Médio, eliminei várias matérias e a previsão era de terminar o curso no ano seguinte.

Esta fase foi uma das melhores da minha vida escolar: eu estudava com pessoas bem mais velhas que me ensinaram muito sobre a vida, os professores preocupavam-se não somente com os conteúdos programáticos

como também nos preparar para o desafio que estava por vir: o de exercer o magistério.

As matérias que mais contribuíram para minha formação profissional foram: as metodologias das disciplinas de Português, Matemática, História da Educação e Didática.

A metodologia de Português oportunizou-me a ter uma visão global sobre as metodologias de alfabetização seus pontos negativos e positivos. Os métodos Fônico, Silábico e Global de Contos foram os mais estudados. Nesta época a metodologia “da moda” era o Construtivismo neste nos debruçamos em muitos estudos e pesquisas.

Na Disciplina de metodologia de Matemática, aprendi utilizar materiais concretos para desenvolver o raciocínio lógico-matemático dos alunos. Desta matéria lembro da caixa de matemática que era uma caixa que fazíamos cheia de pequenos objetos (tampinhas, canudos, palitos de picolé e brinquedos) para serem trabalhados conjuntos, contagem numérica e as operações fundamentais.

Na História da Educação aprendi sobre a expansão do direito à Educação no Brasil, como surgiram as primeiras escolas, quem as dirigia quais a disciplinas prioritárias e a Educação no século XX.

Em Didática aprendi desde como escrever e apagar um quadro, como se vestir para dar aulas até como organizar planejamentos de aulas e provas.

A disciplina que mais me marcou e contribuiu para minha vida pessoal foi a de psicologia da Educação. O meu professor de Psicologia Luiz Flávio dividiu a cronograma em duas etapas no primeiro ano da matéria em 1997 e 1998.

Na primeira etapa em 1997, o professor trabalhou terapia de grupo com os alunos. Na segunda etapa em 1998 trabalhou as fases do desenvolvimento infantil, as possíveis patologias infantis e as principais patologias familiares, indisciplina e violência escolar, etc.

E o fez brilhantemente. Durante esses dois anos estudando com o professor Luiz Flávio descobrimos muitas coisas sobre nós mesmos e através de muitos seminários, discussões e filmes como “Ao Mestre com carinho” e de livros como “Dibs em busca de si mesmo” aprendemos sobre o desafio a missão de ser professor.

Outro momento marcante da minha formação no Magistério foi o estágio remunerado que fiz pela Prefeitura de Belo Horizonte em 1997 e 1998 na Escola Municipal de Ensino Especial, atual Escola Municipal Santo Antônio no prédio da Secretaria Municipal de Educação da PBH. Lá tive a oportunidade de conviver com crianças maravilhosas, que devido suas limitações a maioria delas não se comunicavam de forma convencional, mas aprendi com o tempo a compreendê-las através do olhar, dos gestos e forma de agir de cada criança.

Além dos alunos, na Escola de Ensino Especial tive a oportunidade de trabalhar com profissionais excelentes, sensíveis e abertos à realidade do outro.

Neste estágio, trabalhei em uma sala de crianças que frequentavam a escola pela primeira vez. Eu era auxiliar da professora Roselâny e a ajudava em todas as atividades da sala: ornamentação da sala, nas atividades de registro, estimulação motora, hora do conto coletiva, alimentação, etc.

Aprendi muito neste estágio, principalmente a enxergar o aluno com deficiência com um outro olhar. Infelizmente a prefeitura está acabando com as escolas de Ensino Especial e colocando todos os alunos no Ensino Regular. Acredito que a Inclusão deveria acontecer como um complemento às atividades do Ensino especial, pois dentro desses novos espaços que os alunos de inclusão agora ocupam não há um terço dos atendimentos que tinham dentro do Ensino Especial como terapia ocupacional, atendimento psicológico, expressão e movimento, oficina de Artes, Educação para o lar e plantio de hortas, comprometendo assim o desenvolvimento de inúmeras habilidades dos alunos de inclusão.

Em 1998, já com 20 anos formei o Magistério e juntamente com a formatura terminou meu contrato de estagiária da Prefeitura. Fiquei sem estudar até 2001 por falta de condições financeiras.

Em 2002 já com 23 anos, senti uma grande vontade de voltar a estudar, mas o que eu ganhava era muito pouco não cobriria nem o transporte nem o material para fazer um pré-vestibular convencional.

Nesta época, minha irmã trabalhava em uma ONG chamada Pastoral do Menor da Arquidiocese de Belo Horizonte e dentro deste trabalho tinha ouvido falar de várias iniciativas de pré-vestibular comunitário que funcionava muito

bem em outros bairros, realizando parcerias com Igrejas, escolas e centros comunitários.

No começo achei a idéia um pouco utópica, mas conversando com algumas pessoas do meu bairro vi que poderia ser viável.

Então eu e uma grande amiga do meu bairro chamada Luciene que desejava fazer pré-vestibular e não tinha condições para tal, começamos a fazer um levantamento de professores que conhecíamos na comunidade e que gostariam de fazer um trabalho voluntário. Também fizemos um levantamento de pessoas que tinham uma realidade sócio-econômica como a nossa e que gostariam de participar do projeto.

Depois dos levantamentos, pensamos em um espaço para o cursinho. Pensamos na possibilidade de realizá-lo no salão de catequese da Igreja em que participávamos do Grupo de Jovens. Então montamos o projeto por escrito e fomos apresentá-lo ao padre de nossa paróquia. Ele gostou muito da idéia e permitiu a utilização do salão.

Após a organização estrutural, fizemos uma reunião com os professores para a apresentação do projeto e a programação de horários e etc. No dia 10 de março de 2002 iniciamos nossos trabalhos com vinte alunos.

E assim fundamos o GEPAF (Grupo de Estudo Passo à Frente) à frente da coordenação e também como alunas estávamos minha amiga Luciene e eu. Entre os professores estavam três grandes amigos Renato, amigo de infância dos tempos de escola, formado Engenharia Civil pela UFMG, como professor de Matemática, Edson amigo do Grupo de Jovens formado pela PUC-MG em História, como professor de História e Marcelo amigo do grupo de jovens formado em Letras pela UFMG, como professor de redação e espanhol.

As aulas além de muito boas eram muito divertidas, os professores eram muito entusiasmados e dedicados. No decorrer do curso muitos alunos desistiram achavam o cursinho fraco, outros achavam que jamais conseguiriam entrar em uma faculdade. Dos vinte alunos sobraram somente seis alunos. Entre eles eu e minha amiga Luciene.

No decorrer do cursinho pairavam muitas incertezas. Como primeira experiência de pré-vestibular não acreditava muito que poderia ser aprovada naquele mesmo ano. Ainda não tinha escolhido de forma definitiva o curso que gostaria de fazer.

Quando fui me inscrever para o vestibular tive a opção de fazer o Curso de Pedagogia, mas lá dentro de mim tinha um desejo enorme de especializar minhas habilidades artísticas presentes desde a infância. Logo quando escolhi fazer Arte-Educação minha família não se surpreendeu pela minha opção, pois sabiam que o meu caminho não seria diferente e me apoiaram e incentivaram.

Para ingressar em um Curso de Arte-Educação na UEMG Escola Guignard era necessário fazer duas provas de desenhos: uma de observação e outro de criação. Uma vez reprovados na prova de desenhos era automaticamente do vestibular.

Como não acreditava que iria passar no vestibular muito menos na prova de desenho resolvi me inscrever no vestibular de Arte-Educação como título de experiência. Nas datas previstas pela Faculdade mais ou menos meados de dezembro fui fazer as provas de desenho. O resultado saiu quase no final de dezembro e quando vi que tinha sido aprovada quase não acreditei.

A partir daí foi uma corrida contra o tempo: a prova do vestibular seria no final de janeiro e tinha que fazer uma boa revisão de toda a matéria até esta data.

A experiência de ter disciplina para ficar horas estudando que aprendi no Estadual Central foram fundamentais neste momento: desde a hora que o dia amanhecia até as sete da noite eu ficava estudando. Parava somente para almoçar e lanchar. Tinha dia que parava mais cedo porque começava a sentir náuseas e tonturas. Encontrava com os professores só para tirarmos as dúvidas. Foi assim todo o mês de janeiro até a véspera do vestibular. Faltando dois dias para a prova parei de estudar para descansar e entreguei meu sacrifício para Deus.

E foi dessa forma que realizei as provas de vestibular do ano de 2003 e graças ao GEPAF e pelo meu esforço que fui aprovada em 2º lugar – Noite na UEMG –Escola Guignard.

Na hora que vi meu nome no jornal foi um misto de não acreditar no que estava acontecendo, como uma alegria sem tamanho. Foi o dia mais feliz da minha vida! Neste dia tive direito a tudo: pintar o rosto, reunir professores do GEPAF e amigos para comemorar, ganhar faixa da família, do pré-vestibular, da escolinha em que trabalhava, parabenizando pela vitória. Nesta época também passou no vestibular um aluno chamado João. Ele foi aprovado em

Direito na Faculdade de Itaúna. Minha amiga Luciene foi aprovada em Pedagogia em 2005 no Curso de Pedagogia na PUC-MG.

O GEPAF existe até hoje, 2010. Este ano fez oito anos de existência. Atualmente funciona em uma Escola Municipal sob a coordenação professora de Química Mônica e em parceria com a Pré-UFMG nunca deixou de ter aprovações em todos os anos em diversas faculdades de Belo Horizonte.

Fazer um Curso de Arte-Educação exigiu muita coragem, pois sabemos que a Arte no Brasil é pouco valorizada e mais desvalorizada ainda é a Arte-Educação. Mas para mim isso não foi um obstáculo, pois aprendi com a minha família que um profissional que leva seu trabalho com seriedade há sempre espaço no mercado de trabalho. Na época já tinha 24 anos e convicções do que eu queria para minha vida profissional.

Mesmo prevendo estas dificuldades a minha expectativa para começar a faculdade era muito grande, pois estava realizando um sonho que até então era muito distante da minha realidade.

No começo da faculdade como já era de se esperar tive muita dificuldade financeira que foram sanadas com a ajuda de um amigo chamado Élson que fazia um curso próximo à minha faculdade e me dava carona e eu dividia a gasolina com ele que para mim ficava muito mais barato e com a ajuda da minha irmã Márcia que comprava material que eu precisava para estudar e eu a pagava aos poucos sempre que podia.

Quando entrei para a UEMG (Escola Guignard), tinha o objetivo de desenvolver minhas habilidades artísticas e aplicá-las no âmbito escolar, uma vez que as oportunidades que tive de ter aulas de Artes no Ensino Fundamental e Médio sempre as considerei de pouca qualidade e desinteressantes.

O ano de 2003 foi importante e fundamental para minha formação. Cheguei à faculdade sem saber o que era realmente conceituar a Arte e como desenvolvê-la ou percebê-la. As disciplinas que mais contribuição para minha construção de concepção de Arte foram: Desenho de Objetos, Desenho de paisagem, Teoria da Forma, Criatividade e Bi e tridimensionalidade muito me ajudaram na minha percepção enquanto artista e enquanto pessoa.

De forma especial, me lembro com carinho das aulas de Desenho de Paisagem no Parque Municipal. Tradicionais na faculdade por terem sido iniciadas pelo mestre Guignard, esta disciplina remeteu-me à infância onde aos domingos ia passear com minha família. Recordo-me nitidamente das imagens da minha infância e que posteriormente, acabaram sendo registradas em forma de desenhos em minhas aulas. Parar e observar a natureza e suas particularidades e detalhes é de fato um grande privilégio.

As aulas de desenho e observação de objetos contribuíram não só para a uma apuração mais detalhadas de objetos referentes à perspectiva, luz e sombra de um modo geral, como também aumentou de forma significativa o meu nível de tempo concentração.

As aulas de Teoria da forma me auxiliaram na compreensão da composição das obras de arte como peso, simetria, ponto, etc.

As aulas de Criatividade e Bi e tridimensionalidade contribuíram para um fazer artístico voltado para a pesquisa de materiais nos mais diversos espaços: mercados, feiras, ferro-velho, lojas de construção e aviamentos, etc.

Em 2004 destacaram-se as disciplinas de Pintura, História da Arte, Xilogravura e Expressão e Comunicação Visual.

Nas aulas de Pintura descobri minha paixão pelas aquarelas. A transparência das cores e a maneira que elas vão espontaneamente compondo a forma me levam a refletir sobre a própria vida que tentamos levar com transparência e leveza, mas que também muitas vezes perdemos o controle sobre ela.

A História da Arte me conduziu a refletir sobre importantes paralelos entre as mudanças sociais e políticas ocorridas na Humanidade e o reflexo desses processos nas manifestações artísticas no decorrer dos séculos.

A Xilogravura, utilizada nas lustrações da Literatura de Cordel, ajudou-me a desenvolver habilidade de desenhar talhando suportes planos de madeiras com pequenas goivas que são utilizadas como matriz para a impressão em suporte de papel. Consegui utilizar inúmeras vezes esta técnica

com os alunos utilizando materiais alternativos como bandejas de isopor e canetas.

A disciplina Expressão e Comunicação Visual era uma matéria teórica que tinha como objetivo o estudo e a análise da imagem em diversos espaços: propagandas de televisão, revistas, jornais e obras de arte. Esta cadeira colaborou de forma significativa para a minha visão crítica das imagens e as mensagens que as mesmas desejam passar principalmente as que estão presentes nos veículos de comunicação de massa.

No ano de 2005 as Disciplinas ao qual identifiquei com as minhas intencionalidades pedagógicas foram: Estética, Didática, Psicologia e Folclore.

A disciplina “Estética”, a considerei muito complexa, mas apesar de toda sua complexidade, ela abriu minha concepção sobre o conceito de beleza, como também consolidou minhas analogias e discussões sobre a temática com mais discernimento e embasamento teórico.

A cadeira de Didática ajudou-me a direcionar meus conhecimentos didáticos para o ensino da Arte. Uma vez que já havia feito esta matéria no magistério, ela renovou a maneira de organizar e planejar minha prática.

A matéria de Psicologia enfatizou além das fases do desenvolvimento humano de um modo geral desenvolveu análises e paralelos entre os desenhos das crianças até a pré-adolescência e as faixas etárias ao qual se encontravam inseridas, considerei este estudo muito valioso para compreender através dos desenhos características próprias da idade e a partir delas trabalhar temáticas que interessam aos alunos.

Além das análises dos desenhos das crianças, fizemos um estudo sobre as características biológicas e psicológicas da 3ª idade e a importância da arte, da música e da dança como fonte terapêutica nesta fase da vida.

O ano de 2006, eu já estava com vinte e oito anos e foi o ano de conclusão da faculdade. Esta fase estive muito voltada para minha monografia que teve como título: “A influência da Escola Guignard no desenvolvimento Artístico Educacional de Belo Horizonte”. Esta pesquisa teve como objetivo “perceber a importância do processo de construção da Escola Guignard na formação cultural, social e política da cidade de Belo Horizonte e a influência

deste processo na formação dos estudantes de Arte- Educação da Instituição nos dias atuais”.

Posso dizer que minha Monografia foi um momento não só rico de conhecimentos políticos, históricos e culturais, como também me levou a uma profunda reflexão sobre o que significou a Escola Guignard para o desenvolvimento cultural e Artístico de Belo Horizonte, como também transmitiu para mim uma responsabilidade muito grande de levar para o decorrer da minha profissional e acadêmica o nome Escola Guignard em meu currículo.

Fazendo uma reflexão sobre meu curso de Graduação posso dizer que foi positivo tanto para minha vida pessoal como profissional.

Em minha vida pessoal, porque pude realizar meu sonho de fazer uma faculdade em uma área que sempre tive paixão, admiração e respeito numa Instituição de reconhecimento no Brasil e no Exterior que é a Escola Guignard.

E profissional por ter me formado em um Curso de Artes que me proporcionou aplicar os conhecimentos que adquiri nas escolas em que trabalhei e trabalho, enriquecendo assim o trabalho pedagógico escolar e propiciando um novo olhar sobre a questão da Arte na Educação.

1.2 Capítulo 2 – O ofício de ser professor

Durante o processo de minha escolha profissional em 1997, a Educação passava por um momento crítico em relação ao mercado de trabalho, pois o mesmo encontrava-se saturado. Neste período o Curso de Magistério no Ensino Médio iniciava sua quase extinção. Em casos muitos raros, uma professora em começo de carreira conseguiria uma vaga para trabalhar como designado em uma Escola Pública, devido à falta de experiência e principalmente se fosse uma pessoa pouco influente que não conhecesse pessoas pudessem indicá-la a uma escola. Os concursos públicos eram menos comuns e quando ocorriam ficávamos com classificação alta por falta de tempo de atuação na área e pouca idade.

Apesar de todas estas problematizações, sempre tive um “encantamento” pela profissão e o ambiente escolar. Dois tópicos pesaram em

minha opção profissional: o primeiro foi a minha irmã que já era professora. Sua dedicação e carinho pelas crianças sempre me chamaram a atenção. Havia algo naquela relação que era muito mais que trabalhar para receber um salário. Tinha respeito e amizade que repercutia nitidamente na vida e no resultado da aprendizagem dos seus alunos.

O segundo foi o que grande parte dos meus professores no decorrer da minha vida acadêmica representou em minha vida: competência, humanismo e profissionalismo remetiam-me o desejo de ser um deles e de estar neste ambiente de utopias e decepções, perseverança e luta que é a Escola.

E foi neste misto de medo e esperança que em 1998 formei o Curso de Magistério. No ano 2000, fui convidada a dar aula em uma escola particular devido a morte de uma das professoras. A indicação foi feita por uma mãe de aluno da minha aula particular que trabalhava na instituição. Foi um ano muito difícil em minha carreira, pois além de ter que adaptar às exigências de uma escola particular e assumir a alfabetização, durante muito tempo fui comparada com a professora falecida. Mas como aprendi com os meus antigos professores, lutei com profissionalismo, competência e humanismo e fiquei nesta escola durante cinco anos.

Em meados de 2003 prestei concurso público para o cargo de P1 na Prefeitura Municipal de Sabará e fui aprovada. No começo de 2004, efetivei-me e permaneci trabalhando naquela cidade durante cinco anos. A escola em que fui lotada era mal quista em toda comunidade escolar. Além do déficit de aprendizado dos alunos que era muito alto, boa parte dos alunos morava em área de risco social, eram desnutridas ou apresentavam algum tipo de distúrbio. A situação do prédio era precária, constantemente escorria esgoto na porta de algumas salas vinda do entupimento da caixa de gordura da cozinha e a merenda era feita com pouco carinho pelas cantineiras.

Devido ao quadro acima citado, constantemente a Secretaria de Educação da cidade de Sabará, comparecia à escola para cobrar resultado dos alunos, apresentando inúmeros projetos para serem utilizados como “cobaia” em prol da melhoria do rendimento escolar. Entre muitos projetos que passaram participei efetivamente do projeto “Light House”, programa vindo da Tailândia que consistia em confeccionar livros de histórias através de recontos dos clássicos da literatura.

Neste período, já estava cursando Educação Artística pela UEMG – Escola Guignard, então a direção da escola convidou-me para ministrar aulas de artes com o objetivo de confeccionar livros artísticos com os alunos. Esta oportunidade foi de grande valia para minha vida profissional. Através de sucatas e materiais diversos, confeccionávamos não somente os livros, mas também fantoches, máscaras para dramatizações das histórias recontadas. A cada bimestre, eram expostos os trabalhos realizados pelos alunos.

Outro momento importante em meu trabalho em Sabará foi o curso sobre a Lei 10.639, que regulamenta o Estudo da África e da Cultura Afro-brasileira nas Instituições de Ensino, promovido pela prefeitura da cidade. Tornei-me multiplicadora do curso na escola em que trabalhava e apesar de obter uma pequena carga horária frente à grandiosidade do assunto, tornou-se uma combinação perfeita com meu Curso de Graduação, além de fortalecer minhas convicções frente à minha identidade negra, tantas vezes discriminada na infância e na adolescência.

Para a implantação da Lei 10.639, a prefeitura lançou o projeto “Resgatando História preservando nossa memória”, tratou-se de um rico momento de resgate identitário do cidadão da cidade de Sabará. Este trabalho enfatizava a Educação escolar como prioridade para o trabalho da conservação Histórica e patrimonial da cidade.

Nessa perspectiva, a escola escolheu a festa junina como fator de resgate da cultura popular, voltada para a História local, valorizando assim fatos históricos, costumes, tradições e ideologias.

Meu trabalho dentro deste projeto foi realizar atividades artísticas dentro da temática para ornamentação da festa junina e com os alunos, confecção de livros de pano das igrejas centenárias de Sabará para exposição na Prefeitura.

Em 2004, prestei o concurso para Educador Infantil e fui aprovada. Ingressei na UMEI Granja de Freitas em fevereiro de 2005 e encontro-me nesta Instituição até os dias atuais. É uma escola situada na periferia, onde boa parte dos alunos encontra-se em risco social.

Durante todos estes anos, vivenciei com os alunos da escola inúmeros projetos significativos: “Meio Ambiente”, “Identidade”, “Brinquedos e brincadeiras”, “Africanidade” e “Virtudes”.

A Educação Infantil é ciclo importantíssimo da Educação em que a criança possui um interesse de descoberta e sede de aprendizado difícil de acontecer da mesma forma em outras etapas, por isso, estou vivenciando, com muita vontade e disposição, esta oportunidade que estou tendo de cursar a Pós- graduação em História da África e culturas afro-brasileiras. Acredito que trabalhos étnicos raciais ao serem realizados na Educação Infantil possibilita um resgate da identidade cultural, histórica e pessoal do aluno que repercutirá não somente na Educação Infantil, mas também em todos os próximos ciclos do aprendizado de sua vida social futura.

Percebo que a UMEI Granja de Freitas é um espaço aberto e democrático, bem diferente dos outros locais em que já havia trabalhado, onde o profissional possui liberdade de exprimir sua pluralidade de idéias.

O brincar é a fonte inesgotável do aprender. Durante os cinco anos em que trabalho nesta Instituição tenho a oportunidade de trabalhar com as crianças de 02, 03, 04 e 05 anos nesta perspectivar da ludicidade no aprender.

Na primeira turma em que trabalhei os alunos tinham 03 anos e os acompanhei prazerosamente durante todo o 2º ciclo da infância. Com elas cresci não só como ser humano, mas como profissional. A princípio era uma turma indisciplinada que com o passar do tempo foi se construindo uma relação de respeito, cumplicidade e amizade. Particpei de todas as fases: visitei nos momentos de doença, participei das brincadeiras, presenciei o registro das primeiras letras e da escrita do nome, orgulhei-me quando alguns juntaram e formaram as primeiras palavras. Fizemos oficinas e apresentações. E no final do ciclo, quando os alunos foram para o Ensino Fundamental, senti que o dever foi cumprido.

Naqueles três primeiros anos percebi que o sucesso do trabalho realizado teria se dado não só pela minha dedicação, mas de todos os profissionais da Escola que sempre trabalharam em prol do desenvolvimento dos alunos.

Entre os anos de 2008 e 2009, encontro-me trabalhando no final do 1º ciclo da infância. A turma de dois anos é um grupo que exige um trabalho desafiador em se tratando especificamente da questão do cuidar. Em contra partida é gratificante ver florescer as primeiras frases de sentido completo, vê-los cantar músicas, correr, representar gestos de uma forma tão peculiar que

só se vê nesta fase, obter autonomia para alimentar-se e controlar os esfíncteres, em fim, adquirir a tão almejada autonomia.

Em 2008, prestei um novo concurso para Educador Infantil em Belo Horizonte e mais uma vez fui aprovada. Assumi o cargo em dezembro do mesmo ano. A princípio fiquei à disposição da Secretaria da Educação e posteriormente fui lotada na UMEI Paraíso. A escola pertencia ao Estado e foi municipalizada. Logo no começo foi tudo muito difícil, a Escola ainda estava em reforma e a materialidade ainda estava precária.

Com o passar dos meses, a Escola foi se organizando, não só na questão de recursos materiais como também em relação aos recursos humanos. O grupo foi se interagindo e formando uma boa equipe de trabalho.

Nesta escola, trabalho com a turma de 03 anos e é uma ótima turma, são interessados e participantes. Os pais são presentes e atuantes. Acredito no potencial dos alunos e sei que darão ótimos resultados durante todo o ciclo.

Com relação à Educação Infantil que trabalho desde 2004, posso dizer que em relação à assistência à criança de 0 a 5 anos, não houve programa melhor em Belo Horizonte em todos os aspectos: no desenvolvimento de linguagens e habilidades, na alimentação na socialização e na proteção de integridade humana.

Dentro desta perspectiva, observamos através dos seminários promovidos pela prefeitura que a Educação Infantil dedica-se boa parte de suas propostas e projetos pedagógicas para construção de valores identitários dos educandos. Iniciativas de projetos com a temática, “Valores e virtudes”, Literaturas africanas”, “A escola e a família” e Identidades são uma constante nas escolas da Educação Infantil.

A materialidade também é um fator positivo na Educação Infantil pois, ela nos dá um valioso apoio na execução pedagógica, enriquecendo o trabalho e oportunizando aos alunos a experiência de materiais diversos que refletem nitidamente no resultado no aprendizado dos alunos. O brincar é um fator sumário na Educação Infantil, pois o mesmo propicia o lúdico, a criatividade a socialização e por conseqüência, o aprendizado.

Observando os alunos nas brincadeiras do faz-de-conta temos a oportunidade de analisar os papéis assumidos pelas crianças, geralmente durante esta atividade os alunos imitam a vida social, sua rotina escolar e a

vida em família. É comum neste momento os alunos demonstrarem seus medos, angústias, alegrias e frustrações.

É muito importante que o Educador extraia desse momento rico, subsídios para que nas atividades da rotina diária, possa contribuir na socialização dos educandos e sanar algumas dificuldades em sua formação identitária.

Historicamente sabemos que a Educação Infantil já venceu várias etapas para o seu desenvolvimento, mas ainda tem muitos desafios a vencer. Uma delas é a ampliação do sistema de atendimento, pois sabemos que muitas crianças encontram-se em fila de espera, aguardando vaga nas UMEIs.

Outro problema gritante é a questão salarial do Educador Infantil que atualmente é infinitamente inferior ao de qualquer outra classe da Educação da PBH. Devido a isso, diariamente inúmeros Educadores Infantis, de muita qualidade e competência, com Curso Superior e em muitas vezes com Pós-Graduação, deixam o cargo para outras redes ou até mesmo para outros cargos da mesma prefeitura que oferecem salário mais justo, por tanto a Educação Infantil já avançou em vários aspectos como a assistência e visão pedagógica do cuidar e o educar, porém ainda precisa vencer outros desafios como ampliação do atendimento e um plano de carreira pertinente à qualidade de trabalho que o Educador Infantil exerce.

1.3 CAPÍTULO 3 – O Plano de Ação

1.3.1 Tema

História da África; Arte- Educação; identidade; negro.

1.3.2 Título

AÇÕES AFIRMATIVAS:

A Arte-Educação na Construção de práticas étnico-raciais para o 2º ciclo da Educação Infantil

1.3.3 Contextualização da UMEI Granja de Freitas

A UMEI Granja de Freitas fica localizada à Rua São Vicente, número 371; bairro Granja de Freitas, Belo Horizonte/MG. O bairro está localizado na regional leste de Belo Horizonte. Dentre os bairros desta regional, este é considerado de grande vulnerabilidade social, sendo a escola pertencente a uma área de risco social. Atualmente a UMEI atende 243 crianças diariamente, com idades de zero a cinco anos e oito meses. São crianças que moram no entorno da UMEI, e precisam da escola, pois a maioria dos pais trabalha ou sempre está em busca de trabalho. A condição financeira das famílias é considerada muito baixa, pois de acordo com pesquisa realizada pela escola, a renda familiar é pouca para um grande número de pessoas morando na mesma casa, em média três a nove irmãos, tios, primos e avós. Para atender estas crianças a UMEI conta com um grupo de trinta e um educadores incluindo duas coordenadoras pedagógicas. Também compõem o quadro de funcionários, uma vice-diretora, uma auxiliar de secretária, quatro cantineiras, três auxiliares de serviços gerais e quatro porteiros, que revezam entre o dia e a noite.

A educação infantil é contemplada por dois ciclos, sendo que o 1º ciclo atende a crianças de zero a dois anos, e o 2º ciclo atende a crianças de três a cinco anos e oito meses. Portanto na UMEI Granja de Freitas as crianças são divididas em treze turmas como segue as descrições abaixo:

- Uma turma de berçário: Atende a sete crianças, no horário integral, com idade de zero a um ano, acompanhadas por duas educadoras em cada turno. Sendo que uma atua como referência da turma e outra como apoio.
- Uma turma de um ano: Atende a quatorze crianças no horário integral, com idade de um a dois anos. Também são acompanhadas por duas educadoras em cada turno, seguindo o mesmo critério da turma do berçário.
- Uma turma de dois anos: Atende a dezesseis crianças com idade de dois a três anos em horário integral. Há duas educadoras para

acompanhamento desta turma em cada um dos turnos. Uma como referência e um apoio.

Para cada uma das turmas acima, existe mais um educador que faz o acompanhamento no horário intermediário.

- Uma turma de dois anos com horário parcial: Atende a dezesseis crianças com idade de dois a três anos, no turno da tarde, com um educador como referência.
- Quatro turmas de três anos: Atende a vinte crianças em cada sala, sendo duas no turno da manhã e duas no turno da tarde. As turmas de três anos são acompanhadas por um educador como referência.
- Três turmas de quatro anos: são atendidas vinte crianças em cada turma, com idade entre quatro e cinco anos. Duas funcionam no turno da manhã e uma no turno da tarde. Cada uma das turmas funciona com um educador como referência.
- Duas turmas de cinco anos: Apresenta vinte e cinco crianças em cada turma com faixa etária de quatro a cinco anos e oito meses. São atendidas no horário parcial, sendo uma no turno da manhã e outra no turno da tarde. Uma educadora atua como referência em cada uma das salas.

Observa-se ainda que, para cada uma das dez turmas citadas acima há uma organização de forma a atender e respeitar o direito do professor referência e seu tempo fora de sala, para organizações do seu trabalho pedagógico, sendo estes substituídos pelos educadores destinados ao apoio.

Quanto ao espaço físico da instituição além de oito salas de aula podemos ainda contar com diretoria, secretária, sala de professores, dois banheiros masculinos e dois femininos, biblioteca, lavanderia, refeitório e cozinha. Respeitando a importância do espaço lúdico para a infância a UMEI se dispõem de um campo de futebol gramado, área externa coberta e um playground.

1.4 Objetivos a partir dos Eixos Temáticos

1.4.1 1º Eixo Temático: a identidade cultural e o respeito à diversidade

1.4.1.1 Objetivo Geral

- Propiciar através de diversas linguagens a valorização do aluno enquanto ser único individual com defeitos e qualidades e através do auto-conhecimento, possa encontrar no outro a diversidade, respeita-la e entendê-la como um processo natural repleto de descobertas.

1.4.1.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver por meio do livro “Quem é Francisco?” reflexões sobre a origem identitária e familiar.
- Identificar no livro “Quem é Francisco?”, situações da vida em sociedade, da rotina escolar e familiar.

1.4.2 2º Eixo Temático: conhecendo o continente africano

1.4.2.1 Objetivo Geral

- Estimular o conhecimento do Continente Africano em sua forma mais abrangente e em sua especificidade, enfatizando seus aspectos geográfico, histórico e cultural.

1.4.2.2 Objetivos Específicos

- Estabelecer paralelos entre as vivências sociais e culturais das crianças angolanas em relação às dos alunos, a fim de que possam encontrar

nas realidades pontos em comum e também divergentes das rotinas aos quais encontram-se inseridos.

- Propiciar através do livro “A viagem de Francisco” relações de identificações geográficas, humanas e artístico-culturais do continente africano.

1.4.3. 3º Eixo Temático: O resgatando memórias: a influência da África na cultura brasileira

1.4.3.1 Objetivos Gerais:

- Contextualizar historicamente sobre a importância da cultura africana para a formação étnica e cultural do povo brasileiro.
- Apontar traços da cultura africana nas mais diversas vertentes da cultura brasileira.

1.4.3.2 Objetivo Específico

- Propiciar através dos livros “A descoberta de Francisco” e o “Encontro de Francisco” o conhecimento da história da escravidão no Brasil e conseqüentemente a influência deste momento histórico na cultura brasileira.

1.5 Público-alvo

Alunos do 2º ciclo da Educação Infantil da UMEI Granja de Freitas.

1.6 Duração

De maio a novembro de 2010.

1.7 Recursos

1.7.1 Recursos Materiais

Os recursos utilizados contemplarão os mais diversos tipos dentre eles podemos citar: livros literários, livros criados para o projeto, máquina digital, filmes, músicas; Tintas, papéis variados, canetinha, cola, tesouras, computador, giz de cera, lápis de cor, cola colorida, mapa-múndi, globo terrestre, desenhos, confecção de instrumentos musicais e indumentárias africanas e afro-brasileiras. Também, espera-se apoio a visitas orientadas ao zoológico para visualização de animais africanos e à cidade de Sabará para conhecimento de parte da contribuição dos negros nos diversos setores da sociedade brasileira.

1.7.2 Recursos Humanos

Faz-se necessária a consolidação de parcerias entre Educadores Infantis e outros profissionais que muito podem contribuir com este projeto, a exemplo dos habilitados em música e/ou artes para um melhor direcionamento da musicalidade e arte africana e afro-brasileira. Também, a participação da direção e coordenação pedagógica muito tem a contribuir na prática do projeto em questão, bem como da comunidade escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento utilizado perpassa por diversas linguagens, porém no projeto de intervenção serão enfatizadas as disciplinas de Literatura e Artes.

Durante a Educação Infantil, assim como nos demais ciclo de desenvolvimento é de suma importância que a criança tenha contato com imagens positivas de sua etnia e de sua cultura e com as quais elas se identifiquem e se valorizem enquanto seres com qualidades e potencialidades. Na Arte – Educação a “Educação do Olhar” é a possibilidade de perceber a

imagem e através dela identificar-se ou não construir hipóteses, análises e críticas.

“A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das Artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.” (BARBOSA. 1998, p.16)

A Proposta de criar livros específicos direcionados a temática étnica racial partiu de uma reflexão e de alguns questionamentos pessoais no início do planejamento do meu projeto de intervenção. Meu Primeiro questionamento foi o que realmente as crianças da Educação Infantil precisariam de aprender sobre a questão da África e da Cultura Afro-brasileiras? O meu segundo questionamento foi como transferir este conhecimento ainda tão distante, fragmentado em inúmeras literaturas de uma forma mais seqüenciada e na linguagem dos alunos?

A partir destes questionamentos, comecei associar a minha formação da Graduação em Arte – Educação com o meu projeto de intervenção. Através destes pressupostos resolvi criar uma coletânea com quatro livros onde um personagem, um menino chamado Francisco ia ser o protagonista das questões sobre de identidade e diversidade, a descobertas sobre suas pesquisas sobre o continente africano, o motivo da vinda dos africanos para o Brasil e a influencia dos africanos na cultura brasileira. Os livros “Quem é Francisco?” “A viagem de Francisco”, A descoberta de Francisco” e “O encontro de Francisco” serão os detonadores das temáticas propostas.

Sobre o personagem, Francisco foi criado para ser uma criança com as quais os alunos pudessem identificar: é uma criança esperta, curiosa, que gosta de brincar, de ir à escola, tem amigos e uma família com as quais ele tem mais contato com sua avó que é a pessoa com que ele tem mais referencia e que direciona seus questionamentos sobre as coisas que quer aprender sobre os seus ancestrais africanos e o Continente Africano.

A proposta da criação de livros para o projeto de intervenção teve também como intencionalidade enfatizar a questão da imagem que é tão

significativa em nosso mundo contemporâneo. Preocupei-me em criar imagens de mapas, pessoas, lugares como paisagens de bairro, casas, escola de forma aos quais os alunos pudessem identificar, com formas cores e paisagens e não somente apreciar as histórias como também se sentirem identificadas e levando- as ao questionamento e à reflexão através das imagens.

“A educação deveria prestar atenção no discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepara-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens.” (BARBOSA.1998, p.17)

Através do personagem Francisco perpassará por inúmeras descobertas e novas percepções de mundo em relação à questão identitária e étnico racial, os alunos intermediados pelas histórias desenvolverão inúmeras atividades relacionadas às Artes Plásticas, à Dança e ao Teatro.

2.1 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do projeto foram confeccionados uma coletânea com quatro livros, que terão como objetivo serem os detonadores da intervenção pedagógica com a finalidade de transferir para a linguagem dos alunos da Educação Infantil a história da identidade étnica racial no Brasil.

O projeto contará com um material base de quatro livros infantis da coleção “Francisco e muitas Histórias” ilustrados e escritos pela própria autora do projeto, onde juntamente com o personagem Francisco, os alunos poderão perpassar por três grandes eixos temáticos: Histórias identitárias, familiares e sociais, o reconhecimento geográfico, cultural e humano do Continente africano, a História da Escravidão no Brasil e a influência da negro na cultura Afro- Brasileira.

Para cada livro há unidades de estudo que apresentam as propostas pedagógicas sobre as temáticas abordadas.

2.2 1º EIXO TEMÁTICO: LIVRO “QUEM É FRANCISCO?”

Este livro conta a história de Francisco, um menino que através de suas experiências familiares e escolares sente sua curiosidade aguçada para uma nova percepção de mundo em relação à sua própria identidade e da diversidade que o cerca.

Para este livro foram propostas as seguintes intervenções:

Unidade I

Quem sou eu?

Conhecendo as partes do corpo

- Esquema corporal
- Os sentidos

Eu e minhas preferências

- Meus brinquedos preferidos
- Minha comida preferida
- Meu lugar preferido para passear
- Meu animal de estimação predileto
- O que mais gosto de fazer na escola

Atividades propostas

- Observação no espelho.
- Cartazes com o desenho do esquema corporal dos alunos.
- Carteira de identidade.
- Percepção da importância dos sentidos através de materiais diversos.
- Montagem de quebra-cabeças do esquema corporal.
- Gráficos comparativos em relação à preferência dos alunos.

Unidade II

Eu e minha identidade cultural

Eu e a família

- A história da minha família
- Quem é minha família?
- Com quem moro?
- Quais os aspectos físicos e psicológicos que pareço com minha família?

Atividades propostas

- Confeção de um livrão para exposição em sala de aula e livrinhos com o reconto realizado pelas crianças da história “Menina bonita do laço de fita”.
- Fantoches da Menina bonita do laço de fita e do coelhinho
- Baú de memórias dos alunos feitas com caixa de pizza (nele constarão fotos de família, brinquedo preferido, alguma peça de roupa que já usou ou ainda usa, alguma coisa que encontrou e gostaria de guardar).
- Dramatização da história “Menina bonita do laço de fita”

Unidade III

E os outros: pessoas diferentes

Eu e os outros

- O que os alunos têm em comum e de diferente entre os colegas
 1. Gênero
 2. Formato do esquema corporal

Atividades propostas

- Observação do esquema corporal de si e dos colegas.
- Registro das diferenças físicas entre os colegas:
 1. Altura
 2. Cor dos olhos
 3. Cor dos cabelos
 4. Tipos de cabelos
 5. Etnias

- Análise de imagens de diversas etnias (pontos comuns e diferenças)
 1. Características físicas
 2. Modo de se vestir
 3. Tipos de moradias
- Lista em relação às conclusões sobre as descobertas feitas na temática diversidade.

2.3 2º EIXO TEMÁTICO: LIVRO “A VIAGEM DE FRANCISCO”

“A viagem de Francisco” começa com o episódio da professora dizendo que a África é o berço de toda a Humanidade. A partir deste comentário Francisco questiona-se sobre este continente e ansioso para obter respostas foi conversar com sua avó sobre o assunto. Ela o incentivou a viajar pelos livros.

Para este 2º eixo foram propostas as seguintes intervenções:

Unidade I

Nosso olhar em direção à África

Contextualização geográfica da África

Esta se dará através de:

1. Apresentação de mapas.

2. Observação de imagens de fotos e slides.
3. Visita ao Jardim Zoológico
4. Filme

Atividades Propostas

- Apresentar através do mapa-múndi a localização da África e do Brasil, ressaltando a questão da distância e os meios de transportes possíveis para se chegar até o Continente Africano.
- Através de imagens, estimular os alunos a observação do tipo de clima de maior abrangência no Continente realizando inferências em relação aos diversos aspectos iconográficos a eles apresentados.
- Localizar através do filme “O Rei Leão”, imagens e mapas as regiões onde se encontram os animais selvagens africanos mais conhecidos pelos alunos em virtude da presença dos mesmos em cativeiro do Jardim Zoológico de nossa cidade.
- Visita ao zoológico

Unidade II

Conhecendo as crianças africanas

Alunos da turma de 04 anos e as crianças africanas:

Afinidades e divergências

Esta temática se desenvolverá em volta as seguintes perguntas:

1. Como as crianças brincam aqui e na África?
2. De que brincam?
3. Quais são seus brinquedos?
4. Como os ambos os grupos se vestem?
5. Quais são as formas de se pentear os cabelos?
6. Quais são os tipos de alimentos mais comuns consumidos por estes grupos?
7. Quais os tipos de festas mais comuns freqüentadas por eles?

Atividades Propostas

- Realizar algum tipo de brincadeira de um país africano com os alunos.
- Através de imagens diversificadas, mostrar como as crianças de alguma etnia africanas se veste.
- Trabalhar a boneca abayomi e vesti-las com tecidos parecidos com os das roupas utilizadas pelas crianças africanas.
- Oficina de trança.

Unidade III

Os Contos Africanos

Uma viagem nos contos africanos

Objetivo:

- Propiciar através dos contos africanos associações em relação às características anteriores e suas respectivas temáticas assim como localização geográfica, animais e tipos de endumentária.
- Desenvolver através da temática o conhecimento cultural e literário da África fazendo correlações à bagagem cultural dos alunos.

Atividades Propostas

- Leitura de diversos contos africanos.
- Após as leituras dos contos, os alunos deverão eleger através de voto, o conto africano que mais lhe agradarem.
- Confecção de um livro com o reconto da história africana.
- Dramatização da história.
- Confecção de máscaras africanas.

2.4 3º EIXO TEMÁTICO LIVROS: “A DESCOBERTA DE FRANCISCO” E “O ENCONTRO DE FRANCISCO”

“A descoberta de Francisco” relata o seu questionamento sobre a vinda dos africanos para o Brasil. Sem respostas, vai à casa de sua avó para conversar sobre o assunto. Ela conta a história da escravidão no Brasil.

Para este 3º eixo foram propostas as seguintes intervenções:

Unidade I

A presença do negro no Brasil

Contextualização histórica

Esta temática se desenvolverá através das seguintes perguntas:

1. Como os africanos chegaram ao Brasil?
2. O que foi a escravidão?
3. Quem eram os escravos? Como viviam no Continente Africano?
4. De que trabalhavam no Brasil?
5. Onde moravam?
6. De que se vestiam?
7. Como era a rotina dos filhos de Escravos em tempos de escravidão?
8. A Lei Áurea.

Atividades Propostas

- Dramatização da história baseada no livro O encontro de Francisco.
- Apresentação de ilustrações e slides.

Unidade II

O Brasil após a escravidão

A presença do negro na sociedade

- Chico Rei e outras histórias e outras histórias.
- Os quilombos e as comunidades quilombolas.
- O início do trabalho remunerado dos escravos.
- A vida na sociedade.

Atividades Propostas

- Contação de histórias dos principais personagens negros da história do Brasil: Chico-Rei, Chica da Silva e Zumbi dos Palmares.
- Visita à Sabará.

Unidade III

As Expressões Afro-brasileiras

A influência da África no Brasil nas manifestações culturais

- Culinária
- Música
- Dança
- Festas religiosas
- Roupas
- Lendas brasileiras
- A imagem do negro nas Artes Plásticas.

Atividades Propostas

- Trabalhar os aspectos culturais da feijoada e sua importância na culinária brasileira.
- Trabalhar uma receita com os alunos que tenha influência africana.
- Apresentar aos alunos instrumentos de percussão, presentes nas músicas como o Samba e o Axé.
- Contação de histórias sobre o samba e o batuque.
- Apresentação de grupo de percussão.

- Leitura de livros de diversos artistas plásticos em que enfatizam a história dos afro-descendentes.
- Levantamento das principais personalidades negras da atualidade e sua importância na vida da sociedade.
- Comemoração do Dia da Consciência Negra na Escola com a exposição de trabalhos e oficinas.

2.5 AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto em questão será processual, visando uma adequação permanente das estratégias propostas com o objetivo de possibilitar às crianças uma aprendizagem significativa e contextualizada, proporcionando o incentivo quanto à participação dentro de um processo contínuo de apreensão de conhecimentos que levem os alunos à valorização e ao sentimento de pertencimento à cultura Africana e Afro-brasileira. Sendo assim, as avaliações deste projeto visam uma melhor (re) elaboração da prática oportunizada pelo mesmo.

2.6 CAPÍTULO 4 – REFLEXÕES DE VIVÊNCIAS INDIVIDUAIS

2.6.1 1º Eixo Temático: a Identidade cultural e o respeito à diversidade

Iniciar um novo projeto na escola sempre causa incertezas e inseguranças sobre o interesse dos alunos e o êxito do trabalho. E foi com estes sentimentos que iniciei os trabalhos.

Nesta primeira etapa procurei trabalhar bibliografias com as temáticas relacionadas ao corpo humano e esquema corporal, diversidade e identidade. O livro detonador do projeto foi “Quem é Francisco?” confeccionado especialmente para os trabalhos do projeto.

Para a aula inaugural do projeto fizemos uma “hora do conto” no pátio da escola contemplando não somente os alunos envolvidos no projeto, mas

também as demais turmas. Neste dia contei com a ajuda do professor André, pois montamos uma caixa surpresa onde se encontrava o livro em questão e ele foi o motivador para a abertura da caixa.

Durante a leitura do livro os alunos ficaram se identificaram muito com o personagem, uma vez que Francisco é uma criança com vivências muito parecidas com as das crianças da escola: vivem somente com a mãe, mas passam a maior parte do tempo com a avó, freqüentam uma escola que tem crianças muito diversificadas inclusive deficiências e que tem um espaço físico com muita área verde e brinquedos para brincar.

As imagens em sua maioria tridimensionais também chamaram muito a atenção dos alunos que ficaram muito atentos aos detalhes como paisagens, flores, árvores e roupas dos personagens e etc.

Ao final da leitura apresentei aos alunos o mascote do projeto: o personagem Francisco em forma de boneco e disse para eles que da mesma forma que conhecemos o personagem, seus aspectos físicos, sua família e sua escola, também começaríamos fazer uma série de atividades para conhecer a cada um deles.

E assim iniciamos nossos trabalhos, na primeira etapa li um livro de apoio para eles chamado “Eu sou isso?” da autora Vivinha de Assis Viana. O livro relata a história de uma um menino de três anos que através da escola e da família começa a descobrir as partes do corpo humano. Após a leitura convidei aos alunos para se observarem no espelho, seus aspectos físicos como cor de olhos, altura tipos de cabelo, cor da pele e logo após em uma roda pedi que se observassem mutuamente.

Depois da observação individual e coletiva dos alunos propus uma atividade onde cada um iria construir seu próprio esquema corporal utilizando o próprio corpo como molde em uma folha de papel craft e nele utilizaria materiais variados para a pintura da cor da pele, a confecção de roupas, produção dos cabelos, etc.

Esta etapa do projeto durou cerca de dois meses para que se concretizasse de forma efetiva porque além de ter que orientar individualmente cada aluno, e sempre estar voltando na observação do espelho e conversas informais na roda, os alunos faltavam muito às aulas por motivo de doenças e

eu sempre precisava estar retornando às etapas anteriores com os alunos faltosos.

A segunda etapa deste primeiro momento do projeto foi a construção de uma carteira de identidade. Nela constava, a foto do aluno, sua assinatura e a marca da digital. No verso constavam seus dados pessoais como nome completo, nome dos pais, data de nascimento e cidade onde nasceu.

Para este momento fiz uma roda de conversa onde mostrei para eles uma carteira de identidade oficial para eles. Falei sobre a função e a importância dela na vida da sociedade. Enfatizei também sobre a presença da marca digital no documento em que consiste em uma marca individual e personalizada, de forma que ninguém tem uma marca digital como a nossa. Para este trabalho, tirei a foto dos alunos e montei um documento similar ao oficial (somente com os dados principais). Como ia trabalhando individualmente com os alunos na execução do trabalho, eles ficavam ansiosos para realizá-lo e o tempo todo ficavam me perguntando se eles iam levar a identidade para casa e quando iam levar.

Ao terminar esta atividade comecei a trabalhar com os alunos sobre o álbum “Quem sou eu?”. Neste álbum os alunos ilustraram a visão deles sobre a escola, a família, brinquedos, alimentos e locais de passeios preferidos. Deste trabalho a parte que mais me chamou atenção foram as ilustrações relacionadas à família onde os alunos retratavam nos desenhos só quem eles tinham maior afetividade. Muitos optaram por não desenhar o pai ou a mãe ou um determinado irmão, por exemplo.

Na última etapa desta 1ª parte, confeccionamos uma “uma mala de memória” que tinha como objetivo arquivar o livro quem sou eu? Confeccionado por eles e a carteira de identidade. Para esta atividade utilizamos caixa de pizza para a construção da mala, também tintas guache e cola colorida. Na tampa da caixa cada um fez o desenho de sua própria identidade.

A construção desta mala de memória foi muito marcante e importante para os alunos, pois é característico da idade das crianças envolvidas no projeto o guardar o que eles consideram pessoal e importante para eles.

2.6.2 2º Eixo Temático: conhecendo o continente africano

Este 2º eixo temático do meu projeto de intervenção foi um momento muito rico de aprendizados, mas também bastante desafiador devido a algumas atividades que considerei ousadas para a faixa-etária aos quais estava trabalhando, mas, mais uma vez me surpreendi com as capacidades e potencialidades que nós professores ousamos achar que os alunos não possuem.

Para iniciar esta temática propositalmente a iniciei às vésperas da Copa do Mundo, onde a mídia estaria voltada para os assuntos relacionados ao continente africano.

Como material norteador desta etapa, confeccionei mais um livro com o mesmo protagonista do livro anterior, Francisco. Neste novo livro o menino sente sua curiosidade aguçada pelo estudo da África após uma aula em sua escola. No decorrer da história foram abordadas várias temáticas sobre a África: localização geográfica, meios de transportes possíveis para se chegar lá, animais africanos e algumas características comuns das crianças entre as crianças africanas e as do Brasil.

Após a leitura do livro em cada turma, foi proposto aos alunos que montassem coletivamente, com a participação das três turmas do projeto, um mapa-múndi com os meios de transportes possíveis para se chegar até a África .

Nesta fase do projeto identifiquei no mapa do continente da América Latina e África e expliquei que cada pedacinho correspondia a um país diferente. A atividade foi organizada de forma que os alunos fossem divididos em grupos para pintar a parte que corresponderia o mar, outro para colorir os continentes da América Latina e África com cores diferentes para cada país.

Depois da atividade pronta iríamos identificar Brasil e África no mapa já posicionando nele os meios de transportes possíveis que pode nos leva até a África.

Esta atividade me surpreendeu pela capacidade dos alunos trabalharem em grupo e pela visão espacial que tiveram ao colorirem os mapas.

Outro momento importante nesta temática foi o trabalho com os animais africanos que abordava questões sobre a alimentação, habitat e algumas

curiosidades. Para esta etapa montamos um álbum e depois fizemos uma visita ao zoológico.

Durante a visita ao zoológico, os alunos já tinham em mente quais eram os animais que iríamos visitar, então assim que víamos um animal trabalhado em sala eles já citavam os animais que ainda estavam faltando para serem vistos.

Outro momento vivenciado pelos alunos nesta etapa do projeto foi a “sessão de cineminha” com a exibição do filme Kiriku e a Feiticeira. O objetivo desta atividade era de identificar com os alunos alguns elementos presentes na cultura africana.

Para finalizar esta etapa do projeto, as crianças conheceram um pouco a realidade das crianças de uma das periferias de Guiné Bissau e Angola. As fotos e os relatos foram cedidos gentilmente por Ir Florinda Costa e Sá nascida no país de Guiné Bissau da Congregação das Clarentianas e da Ir. Eva, brasileira da Congregação das Sacramentinas de Nossa Senhora em missão em Angola, ambas trabalham em escolas das periferias dos respectivos países.

Os relatos de ambas as freiras que também são professoras tiveram sua origem dos meus questionamentos pessoais em relação à vida das crianças africanas, que infelizmente até então só tinha informações através dos meios de comunicação ao qual tenho acesso, como crianças que vivem na fome e na miséria.

Estes relatos chegaram até mim através de duas freiras, Ir. Cacilda e Ir. Cida ao qual tenho uma amizade desde a adolescência e que me puseram em contato com as pessoas entrevistadas.

A irmã Florinda, nascida em Guiné Bissau tive a oportunidade de entrevistá-la pessoalmente, pois estava aqui em Belo Horizonte na época da minha pesquisa.

Já o relato da Irmã Eva, recebi por escrito através de uma mensageira, pois estavam com problemas na internet local.

Nesta última fase deste 2º eixo, os alunos observaram através dos relatos que li para eles e pelas fotos mostradas das crianças de Angola e Guiné Bissau que, existem muitas semelhanças com as realidades sociais vividas por eles aqui no Brasil: identificaram roupas, alguns tipos de tranças, brinquedos,

rotinas escolares e aspectos físicos. E ficaram surpresos em saber que na África também existem crianças como eles.

2.6.3 3º Eixo Temático: o resgatando memórias: a influência da África na cultura brasileira

Neste último eixo temático houveram alguns contratempos devido à falta de tempo para execução de alguns trabalhos. Os dois últimos livros “A descoberta de Francisco” e o “Encontro de Francisco” que eram para serem ilustrados para o fechamento do projeto não puderam ser ilustrados em tempo hábil devido à grande escassez de tempo.

Os contos que já tinham sido escritos anteriormente foram utilizados como suporte para a confecção de materiais que da mesma forma deram grande contribuição para continuidade do projeto.

Para contar para os alunos a História da escravidão no Brasil. Confeccionei uma televisão com materiais recicláveis. Em um momento de roda coletiva na escola contei para eles através deste material, a História da trajetória da escravidão, o tráfico negreiro, a vida dos escravos nas grandes fazendas, no trabalho na mineração, os castigos, a fuga para os Quilombos, passando também pelas contribuições do negro nas construções das igrejas e cidades.

Na televisão também foi relatado a contribuição dos africanos na dança, na música e na culinária. E por fim passei a imagens de diversos negros que se encontram em diversas profissões da sociedade brasileira contemporânea.

Os textos estavam com linguagem bem simples e com imagens bem chamativas de modo que os alunos pudessem através delas absorver o máximo de informações possíveis.

Para ilustrar de forma mais efetiva este momento, levei os alunos juntamente com as professoras referências até a cidade de Sabará, com o objetivo de que os alunos observassem e conhecessem algumas construções Históricas às quais os negros contribuíram através de seu trabalho.

Outro momento coletivo importante e significativo dentro desta temática foi contar a História do Samba para os alunos. De forma bem simples e

condensada fiz alguns cartazes sobre de onde surgiu o samba e alguns instrumentos utilizados. Para finalizar este momento, ensaiei com alguns alunos a música “O samba da minha terra” de autoria de Dorival Caymmi interpretada pelo grupo “Novos Baianos”.

O encerramento do projeto aconteceu no dia 20 de novembro “Dia da Consciência Negra”. Nesta data a escola promoveu uma grande festa com a presença das crianças e seus familiares. Neste dia foi exposto os trabalhos desenvolvidos pelos alunos do projeto durante todo o ano

Para este evento também realizamos apresentações entre elas as músicas “Rap da família” do grupo “Diante do Trono”, “Arco-Íris colorido” que trata sobre a questão da diversidade que é de autoria da Igreja Batista de Sabará e a música “África” do grupo “Palavra Cantada”. Com relação a seleção das músicas trabalhadas em questão, tive a preocupação em respeitar o culto religioso das crianças sendo que boa parte dos alunos da escola são cristãos evangélicos.

Para a exposição montamos, “o mural da diversidade” com as fotos dos alunos envolvidos no projeto e como reflexão no mural tinha o texto “Diversidade”, da autora Tatiana Belinky e também outro mural falando sobre o projeto, seus objetivos com fotos do desenvolvimento das atividades de classe e extra-classe que foram desenvolvidas durante o decorrer do projeto.

Ao final da festa, muitos pais dos alunos envolvidos pelo projeto vieram agradecer o trabalho que foi desenvolvido com os alunos e parabenizar pelas apresentações realizadas pelos alunos.

3. CONCLUSÃO

Desenvolver projeto relacionado à questão étnico racial na escola foi um grande desafio, mas também um momento rico de aprendizado. Muitas vezes nós professores subestimamos a capacidade intelectual dos nossos alunos, principalmente das crianças da Educação Infantil e não arriscamos com elas “vãos mais altos” em nível de aprendizado. E cometemos o grave erro de negar conhecimento aos nossos alunos.

Este trabalho que desenvolvi serviu para que eu pudesse mensurar a grande sede de “conhecer o desconhecido” que as crianças tem principalmente neste primeiro momento de escolarização. A participação, o interesse, o trabalho em equipe foram desenvolvidos por eles de forma surpreendente.

Outro ponto relevante a ser citado foi o papel da Arte-Educação como veículo de linguagens e aprendizagens. Por meio dela, além dos alunos terem tido a oportunidade de trabalharem com os mais diversos tipos de materiais, eles puderam através do projeto fazer cumprir um dos principais papéis da Arte-Educação que é refletir sobre a sociedade, no caso em questão sobre a questão étnica racial e transmiti-la de forma plástica através do trabalho realizado. A Arte-educação também teve um papel de destaque muito importante no diálogo interdisciplinar no estudo da História, Geografia e da Literatura. É de suma importância salientar o investimento iconográfico que fiz em meu projeto em diversos momentos do trabalho devido à facilidade que as crianças tem de guardar imagens na memória.

Outro ponto relevante a ser citado é a questão do estudo da Geografia na Educação Infantil, que muitas vezes “pulamos” do currículo porque achamos que os alunos são muito pequenos para compreender mapas e localizações geográficas e outras relações ligadas à disciplina. E temos um distanciamento maior ainda ao se tratar da Geografia do continente africano. Os alunos responderam de forma muito positiva em relação a este tipo de trabalho. Agora já no final do ano os alunos já conseguiam identificar no mapa a localização de Brasil e África.

Com relação ao projeto de intervenção tenho clareza que muitas das propostas colocadas no plano de ação não foram colocadas em prática devido

à questão de tempo, mas que pretendo coloca-las no ano que vem, pois pretendo dar continuidade ao trabalho sobre temática étnico-racial com boa parte dos alunos que ficarão na escola ainda no ano que vem.

Fazendo uma reflexão do que realmente os alunos estão levando para a vida cotidiana do projeto de intervenção seria primeiramente o respeito à sua própria identidade, pois percebi que tudo que estava relacionada a eles (identidade, “livro quem sou eu?”, mala de memórias) era confeccionado com muito zelo e carinho pelos alunos. O segundo seria uma maior aceitação do “do outro”, com seus defeitos e qualidades e em terceiro lugar tudo que foi aprendido sobre a África, pois foi um assunto que realmente os deixaram maravilhados.

Enquanto professora, também estou levando muitos aprendizados deste projeto e da Pós-Graduação para minha vida tanto pessoal, como profissional. Atualmente tenho plena consciência do meu compromisso de levar aos meus alunos a valorização de sua própria identidade e o respeito à diversidade étnica e cultural presente na realidade ao qual se encontram inseridos e transmitir para os futuros alunos o que transmiti para os alunos de hoje: a importância do negro, de sua historicidade e sua contribuição cultural para o Brasil.

O projeto de intervenção que desenvolvi com meus alunos me fez repensar também sobre minha própria identidade negra, da minha História e a valorizar e ter orgulho da minha profissão e de ser Arte-Educadora e por meio do meu trabalho me tornar co-responsável da quebra do paradigma do preconceito e da discriminação racial.

Após tantas reflexões que fiz durante o projeto de intervenção, durante as aulas na Pós-Graduação senti a necessidade de rever uma infinidade de posturas e práticas em sala de aula e de também dar continuidade aos meus estudos sobre a História da África e Culturas afro-brasileiras, mas tenho a consciência que a questão da imagem negativa do negro já apresentou algumas mudanças e avançou por muitas conquistas como o sistema de cotas e a Lei 10.639 por exemplo, mas ainda há um longo caminho de discussões a ser seguido. Cabe a nós professores formadores de crítica e opinião continuar contribuindo de forma efetiva para que os danos ocorridos no passado sejam reparados ou pelo menos amenizados para a sociedade de agora e as gerações futuras.

ANEXO I

1º EIXO TEMÁTICO

A IDENTIDADE CULTURAL E O RESPEITO À DIVERSIDADE



Contação da história “Quem é Francisco”



Aluno Yuri e o mascote Francisco



Desenhando o esquema corporal



Finalização do esquema corporal



Confecção da Carteira de identidade



Confecção da Mala de memória



Finalização da confecção das Malas de memórias



Mala de memória concluída

ANEXO II
2º EIXO TEMÁTICO
CONHECENDO O CONTINENTE AFRICANO



Contaçon da história “A viagem de Francisco”



História “A vagem de Francisco”



“A viagem de Francisco”



Crianças Africanas dentro da historinha



Apresentando o mapa da América Latina



Apresentação do mapa da África



Crianças colorindo o mapa da América Latina



Crianças colorindo o mapa da África



Mapa da África colorido



Interação América Latina -África



Apresentando e colorindo os animais africanos



Visita ao Jardim Zoológico (elefante)



Zôo e os animais africanos (leão)

Anexo III

As crianças de Guiné Bissau

Relato da Irmã Florinda Costa e Sá

1- AS BRINCADEIRAS

As crianças da Guiné vivem entre pequenos trabalhos e brincadeiras. Elas gostam de brincar nas ruas, em casa, nos lagos, nos rios, na escola, nos caminhos, em cima das árvores, etc. Por exemplo, nas ruas gostam de: jogar bola, brincar com rodas de carro, de bicicleta, rodas de mota;

Na tabanca(vila) de baixo das árvores criam jogos típicos com as castanhas de caju, em que fazem desafios e os mais espertos conseguem pegas todas as castanhas das outras.

Gostam de subir nas árvores para pegar as frutas silvestres para comer ou para vender - em casa gostam de sentar na varanda de frente ou no quintal para contar casos, jogar dama (xadrez), baralho inventados por elas; no terreiro gostam de jogar bilas (bolinha de gude), jogar malha, jogar 35. Outros constroem carros de lata, brincam de casinha. Jogam ludo (é mais moderno), jogam futebol(quando não têm bola, constroem com bexiga de bode ou meias), jogam queimadas , em circulo brincam de roda, cantando, batendo palmas e dançando alegres; brincam de cabra cega, de gato e rato, brincam de caricatura(de quê?, quais são? De nomes de pessoas, (quando termina, começa caricatura, de quê? De nomes dos animais.... plantas, marcas de carros...até cansar). Brincam de soldados (Eu sou soldado, mas me falta sargento, coronel, limpapia, major...) vão mudando de filas e de funções. Brincam de telefone com latas de refrigerantes,

A noite, sentam nas esteiras para brincar de N'tulé , n'tulé, n'tulé babá. Babá sé coli ia ia . ia ia te mateluntam. Enquanto cantam, um vai batendo de leve no joelho dos outros e onde parar, a criança sai do jogo. Assim por diante até ficar um (a) vencedor (a), contam histórias(as vezes os adultos contam para as crianças e as vezes, contam entre elas) -nos lagos, rios ou braço do mar, combinam com os colegas e vão em grupo, constroem anzoisinhos de isca com minhoca e ficam a beira, fazendo desafios para ver que consegue pegar

mais peixinhos(alguns levam para completar o almoço, outros grelham e comem com os amigos). Enquanto outros ficam nadando, pulando, dançando e cantando e tomam banho ali mesmo para chegar em casa limpos.

Nos campos, quando estão vigiando a bolanha (o arrozal), constroem borrachas (um pãozinho com uma corda de borracha para caçar os passarinhos cozinham e comem) -na escola brincam de: baloiço, pulam corda, jogam 35 (joga-se com chinelo, lançando, e quem acertar, vai contando os pontos até chegar 35), jogam malha,

Brincam de corrida de saco, de limão, de ovo. Corrida de afiar agulha, de soprar velas, encher balão, etc. Muitas são bem conhecidas aqui.

A escola se dispõe de um espaço mais adequado para brincadeiras e dos brinquedos mais modernos: bolas, carrinhos, bonecas, casinhas, aviõeszinhos, jogos educativos e didáticos, cordas, etc.

2- ROUPAS TIPICAS

Antes as roupas típicas de cada etnia eram mais evidentes. Agora com a globalização, com o avanço do mundo científico e tecnológico, quem dita as regras de convivência, como deve ser uma pessoa moderna, é o mercado. Portanto, em Guiné como em outros países da África, o grupo étnico, a cultura local está perdendo força sobre os indivíduos que fazem parte da tribo e muito menos as famílias conseguem manter o perfil-modelo para filhos. A referência é o mundo globalizado. A nossa tentação é valorizar mais o que é do outro, o exterior, o que vem de fora, o que “está na moda”.

A escola muitas vezes tenta resgatar alguns elementos positivos das culturas e busca de uma certa forma a preservação da identidade cultural de todas as etnias existentes no país, através do carnaval, algumas festas tradicionais, enfocando cerimônias mais comuns como casamento, velório, nascimento, passagens de fases de vida, etc. Para cada rito existem roupas adequadas.

A nossa tabanca Bissaquil, situada na periferia da cidade de Bissau, é constituída em sua maioria, por etnia Pepel: os meninos usam panos amarrados no ombro esquerdo e as meninas amarram panos na cintura. As jovens e adultos usam roupas comuns com panos nos ombros e as jovens e

mulheres amarram panos na cintura e outro na cabeça. Durante uma cerimônia, os homens usam panos (“di pinti”-feito de tear) vermelhos e as mulheres usam “camisa de soca” (uma roupa branca com crochê no peito) com um pano vermelho na cintura e na cabeça-vermelho.

Já na cidade é normal como aqui, e um pouquinho de africanismo (grambuba, conansaba, complé- calça com camisa ou saia com blusa – feitos de tecidos chamados legós, basan, etc).

3- TRANÇAS NOS CABELOS

Em Guiné qualquer pessoa pode fazer trança no cabelo das crianças de qualquer que seja etnia. Alguns anos atrás, pela trança dava para reconhecer a etnia da pessoa, hoje é muito raro. Gostaria de acrescentar que a maioria das tribos são poligâmicas e em vários casos, os responsáveis pela educação da criança não são os próprios pais, mas sim os avós, as concubinas. Quando estas não sabem, delegam outras pessoas ou leva as crianças no salão. Em vários casos são as irmãs mais velhas, primas, as vizinhas ou também as amigas da família.

4- O SISTEMA ESCOLAR

O Sistema escolar é similar ao da Europa, de modo particular, o Portugal. Até as matérias didático-pedagógicas são fornecidos por eles. Existe um convênio entre governo e vários países que ajudam na formação de professores que pode ser no próprio país ou nos estrangeiros. Este convênio possibilita bolsas de estudos para os que terminam Ensino Médio ou graduação e doutorado. Apesar de ser uma grande valia, porém, continua sendo um grande desafio na contextualização do ensino-aprendizagem. A falta dos recursos humanos especializados, falta dos recursos financeiros e materiais adequados, constituem um verdadeiro fracasso para uma educação sistemática, eficiente e afetiva do país. É um sistema que obriga o aluno a decorar mais do que aprender.

O nosso calendário escolar é de Outubro a Junho, distribuído por trimestre: primeiro – de outubro a dezembro (recesso do Natal); o segundo, de

janeiro a meio de abril e terceiro trimestre, de abril ou depois da Páscoa até junho. O ano letivo deve ter 180 dias letivos. Mês de julho é para recuperação.

5- SOBRE A ALIMENTAÇÃO:

AS CRIANÇAS normalmente de 0 a 2 ou 3 anos costumam comer “badadji”. Badadji (tipo arroz doce), arroz com cabaceira, arroz com leite, arroz com manteiga; papa (mingau) de milho preto, de milho bacil, de milho cavalo, de farinha de arroz integral, de mandioca, de batata doce e inglesa, sopa de peixe seco, Sopa de galinha(caipira) com folhas de mandioca e batata , sopa de carne ou de legumes, de maizena e de cerelac para quem tem poder aquisitivo.

De 3 anos em diante a criança já começa comer como um adulto: -de manhã badadje, na tabanca e na cidade , toma-se muito leite nido e pão; no almoço e jantar comida normal(arroz com peixe, ou com carne, ou com ovo, salada, baguiqui- folha verde batido com quiabo) . Os mesmos alimentos que se comem aqui (para quem tem poder de compra). Só o modo de fazer que é diferente . Isto é mais na cidade.

Nas tabancas às vezes, tem apenas uma refeição ao dia. Na época de manga e caju e todos ficam felizes, pois conseguem suprir a fome com esses alimentos.

6- CERLEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO

Na cidade se celebra o aniversário com muita festa entre familiares, amigos, primos e vizinhos.

Na tabanca, às vezes os pais nem sabem o dia do nascimento dos filhos, visto que existe um grande índice de analfabetismo.

Na nossa tabanca, comemoramos o dia do nascimento tanto dos alunos, como de todos os funcionários para possibilitar a tomada de consciência da importância desse dia e para o cultivo da auto-estima e conseqüentemente o espírito de cidadania. ficam muito felizes.

7- As crianças são vistas pela sociedade de modo geral como ainda não ser, sem valor, porém muitas famílias valorizam-nas e respeitam-nas em seus

direitos. Tudo isso é um processo, acredito que seja o resultado de contato com outras culturas, européia e americana.

Na sociedade papel (nome de uma das etnias), as crianças são vistas como um ser que está por vir, como que nada sabe e que precisam de aprender tudo com os adultos. Nos primeiros anos de vida recebem muita atenção, cuidados e carinhos dos pais e de todos os familiares. Mas quando atingem certa idade, por exemplo 5 ou 6 anos, dependendo da sua etnia, começam de ocupar-se de algumas atividades como, pastoreio, auxiliar na horta, vender com adulto nas ruas, ajudar na cozinha, cuidar os irmãozinhos. Normalmente são muito judiados quando não conseguem sair bem no serviço e acabam apanhando muito.

8- A RELIGIÃO

A religião predominante é a tradicional, em que cada tribo tem, a sua maneira, de prestar culto aos seus antepassados e aos seus deuses. Isto depende da situação, das celebrações (nascimento, morte, doença, matrimônio, colheita, “rônia Irã” (cerimônia a sua divindade) e ritos de passagem para fases do desenvolvimento. Para cada cerimônia existe um tempo adequado e materiais próprios. Irmã Florinda Costa e sá.



Festa de carnaval na escola Me. Serafina

Guiné Bissau –representação de uma tribo africana



Rotina escolar da Educação Infantil da Escola Me. Serafina
Uniformes, roupas e rotina escolar muito parecidas com as das crianças do Brasil

ANEXO IV

As crianças de Angola

Relato da Irmã Eva Maria Ribeiro

Querida Luciana, chegou o dia de Irmã Eva responder às suas questões. Que possam ajudar no que você necessitar.

Mas quero que fique claro uma coisa: falar de Angola, não é falar de África. E mais, falar de Luanda, onde vivo, na periferia, como você poderá ver nas fotos, não é falar de Angola, porque Luanda não é Angola. É apenas a capital, em ritmo acelerado de desenvolvimento. E você sabe, onde chega o desenvolvimento, os pobres ficam esquecidos, porque eles não contam nos interesses econômicos, porque não são consumidores. Para eles sobram as periferias, as aldeias distantes da capital onde não há condições muito dignas de vida.

Bem, você vai trabalhar uma unidade de estudo, disse com crianças de 04 e 05 anos. As crianças de 0 a 5 anos, na periferia de Luanda, não tem nenhuma assistência do Governo, apesar de terem os seus direitos garantidos por Lei, que eu me encarrego de divulgar nas escolas por onde passo a trabalhar. Elas vivem a sua primeira infância, desde que aprendem a ficar de pé sobre suas próprias pernas, sendo cuidadas pelos irmãos mais velhos, isto é de 06,07,08 anos que as carregam presas às costas pelas ruas e becos onde vivem.

As Instituições Religiosas, é que oferecem creches a partir dos 05 anos. E escolas de alfabetização a partir dos 06 anos. Mas não em todas as partes. Há uma grande demanda e pouca oferta.

Mas as crianças gostam de brincar e inventam as suas brincadeiras, porque brincar é profissão delas. E são muito alegres e espertas. Vivem livres e sem limites, esculpidas pelo sol e pelo vento. Mas não tem muito carinho da mãe, mas dos irmãozinhos, sim. Todos chamam o bebê de (O NOSSO BEBÊ), as mães deixam as crianças entregues às vizinhas ou irmãos mais velhos que lhe cuidam, enquanto vão trabalhar.

Muitas, quando os bebês ainda são muito pequeninos os levam às costas para o trabalho.

Os meninos, chamados aqui de “rapazes” brincam de lutar, luta corporal, futebol, correr e saltar, pendurar nas pontes e árvores, subir nos muros, brincar de polícia e fazer pistolas de papel, fazem seus carrinhos de lata e papelão, andam de bicicleta até acabar com ela em pouco tempo e depois passam um bom tempo a consertar e a reinventar a bicicleta com outras peças. São muito criativos. Mas a brincadeira preferida deles, dos pequenos é modelar o lodo, isto é, argila. E fazem tudo o que a imaginação permite. Bichos e bonecos, casas com mobília e até com piscinas como veem na televisão, mas o que destaca mesmo nas modelagens com a argila são as caixas de som, as colunas como dizem, pois gostam muito de música e ritmo e barulho. Dizem por cá que os bebês brasileiros já nascem cantando. E eu digo: _ Os bebês brasileiros já nascem dançando.

As meninas, brincam de saltar elástico, de esconde-esconde, de pára (elas cortam rodelas de papelão e colam uma gravura, que escolhem em círculo e começam a passar e a bater na figura, que escolheram, as que acertarem a figura, ganham. (Você vai identificar na foto). Brincam de casinha, de fazer comidinha em latas e fogo em brasa, de feira (praças e bancadas) onde se vendem os alimentos, de boneca. Se tem boneca, mas se não tem amarram às costas uma garrafa, um chinelo, um frasco vazio como se fosse a boneca; fazem cabanas de trapos velhos e sujos para se esconderem do sol, brincam de garrafinha ou cuquinha (enquanto atiram a bola para outra buscar, uma tem que encher as garrafas de areia, ou desviar as tampinhas de cerveja cuca, que elas chamam de cuquinha. (vai ver na foto). Mas a brincadeira preferida é o “zero”. Uma roda de meninas a pular no ritmo das palmas e a tocar os pés umas das outras, num ritmo quente e agitado, mas frenético e incansável. (Você vai identificar na foto). Tem também outras brincadeiras: macaca ou se malha (o nosso maré), a queimada com bola de meia...

As roupas por causa do calor são poucas. Passam o dia de calcinha ou cueca. Só quando vão a uma festa é que se vestem com trajes africanos, que são muito bonitos. E ficam ainda mais lindas com os penteados, as trancinhas tão bem feitas, com as missangas coloridas. As mães se tem tempo trançam as filhas, mas qualquer mocinha que já aprendeu a arte, pode fazê-las. Há uma foto com uma menina com tranças bem visíveis.

Os meninos vestem terno que lês chamam de “fato”.

As roupas que já receberam a influência do Brasil, pois há muitas lojas de roupas brasileiras em Luanda.

As festas de aniversário agora já aparecem, mas antes quase não se falava nisso, pois a maioria das crianças não sabia a data do seu nascimento, isso não era muito importante para eles. Agora já. Um ou outro de melhores condições faz festinhas de aniversário. Com bolos e refrigerantes (gasosas).

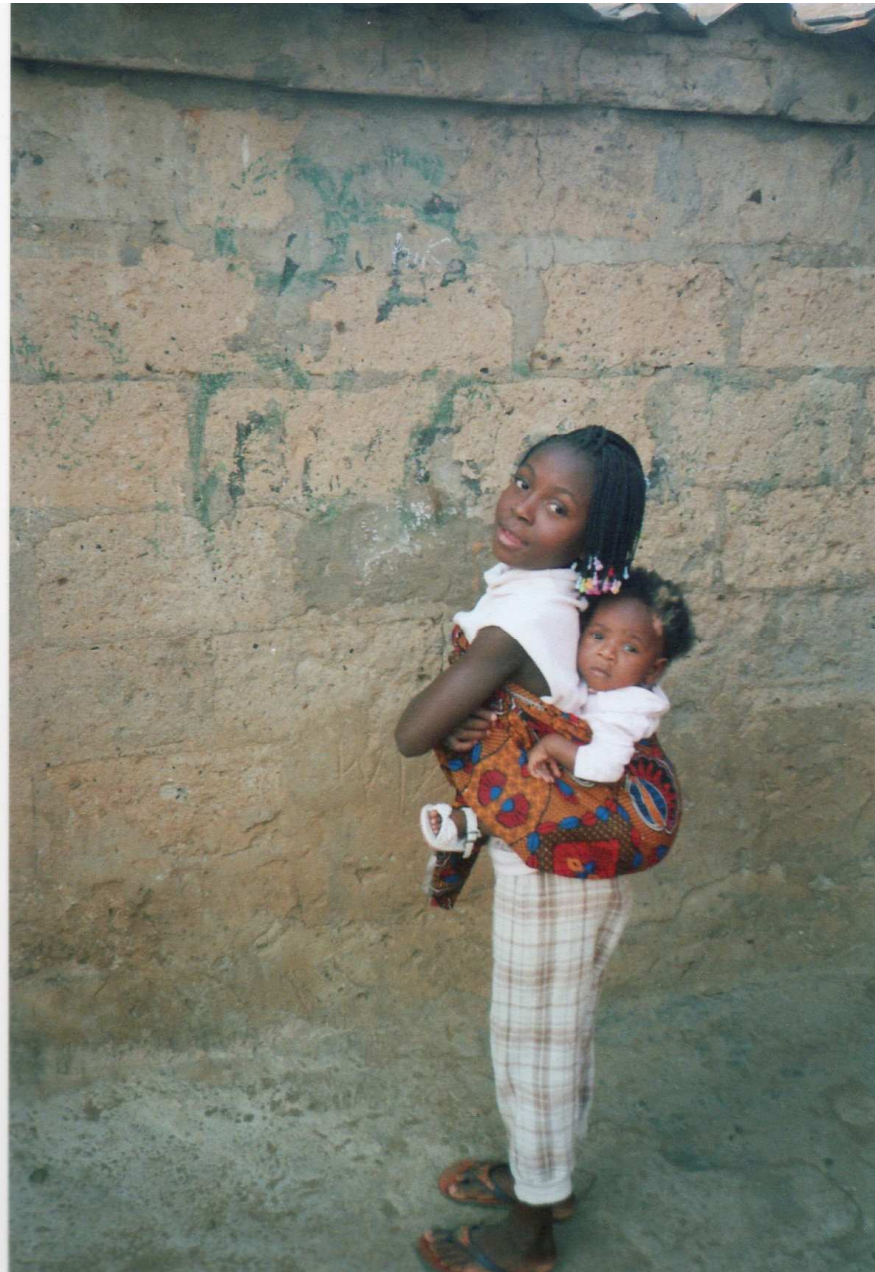
Dentro da sociedade a criança não é muito considerada. Tem mais valor o velho que a criança. O sistema escolar é bem organizado, mas não responde às necessidades de todas as crianças. A maioria está fora da escola.

A religião é cristã em sua maioria com uma grande tendência atual para o Islã. Mas são um povo religioso e de muita fé. A catequese é um campo de crianças e jovens a se repararem para o Batismo e os sacramentos de um modo geral. Prova disso é a cartinha de um garoto que respondeu a carta de um menino da nossa escola, mas como esqueceu de colocar o destinatário estou enviando para você.

A comida é pouca, mas não falta. Uma ou duas vezes por dia as crianças comem. De manhã é o mata bicho, pão com chá, ou sopa de legumes com massa (macarrão). No jantar o funji (o nosso angu ou polenta) mas é feito de (bombó) uma farinha fina de mandioca que se come com um molho de carne, ou com peixe. Há também a comida preferida das crianças a (cachopa) uma mistura de milho de canjica com feijão e carne seca. Elas gostam bué (muito).



Brincadeira de pára



O cuidado dos irmãos com os bebês



Criança brincando de dançar



Brincadeira de cozinha ou garrafinha



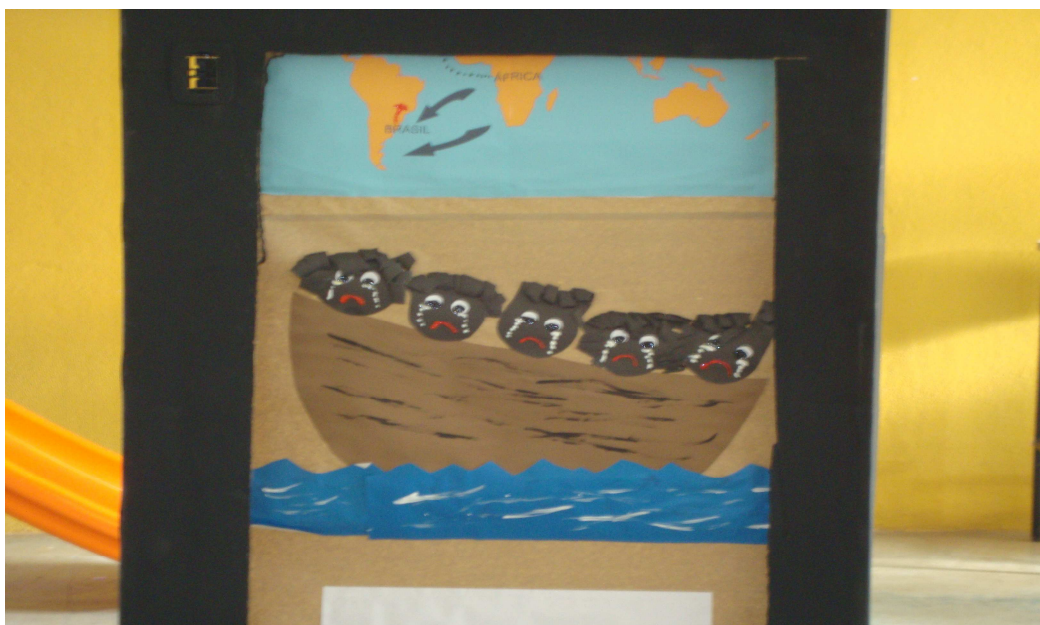
A rotina escolar

Anexo V

3º EIXO TEMÁTICO: RESGATANDO MEMÓRIAS: A INFLUÊNCIA DA ÁFRICA NA CULTURA BRASILEIRA



História da vinda dos africanos para o Brasil



Representação do Navio Negreiro



O trabalho dos negros nas construções das igrejas brasileiras

Visita à cidade de Sabará



Igreja de Nossa Senhora do Ó



Rua Dom. Pedro II



Teatro Municipal



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Apresentação contando a História do Samba







Apresentação da música “o Samba da minha terra”





Música da apresentação “Contando a História do Samba”

O Samba da minha terra

Dorival Caymmi

Refrão:(2x)

O samba da minha terra

Deixa a gente mole

Quando se canta, todo mundo bole

Quando se canta, todo mundo bole

Quando se canta, tudo mundo bole...

Quem não gosta de samba

Bom sujeito não é

É ruim da cabeça

Ou é doente do pé

Eu nasci com o samba

No samba me criei

E do danado do samba

Eu nunca me separei...

Samba lá da Bahia

Deixa a gente mole

Quando se canta, todo mundo bole

Quando se canta, todo mundo bole

Quando se canta, todo mundo bole...(2x)

Quem não gosta de samba

Bom sujeito não é

É ruim da cabeça

Ou doente do pé
Eu nasci com o samba
No samba me criei
E do danado do samba
Eu nunca me separei...
É que samba lá da Bahia
Deixa a gente mole
Quando se canta, todo mundo bole
Quando se canta, todo mundo bole
Quando se canta, todo mundo bole...(2x)
Quem não gosta de samba
Bom sujeito não é
É ruim da cabeça
Ou é doente do pé
Eu nasci com o samba
No samba me criei
E do danado do samba
Eu nunca me separei...
Samba!!

ANEXO VI

FESTA DE ENCERRAMENTO DO PROJETO

Exposições:



Mural da Diversidade



Exposição de fotos das etapas do projeto



Identities



Malas de memória



Apresentação da música "Rap da família" e "Rap da Família"

Rap da Família

Ana Paula Valadão

Toin toin chic chic toin toin toin (papai nós te amamos)
Toin toin chic chic toin toin toin (mamãe nós te amamos)
Toin toin chic chic toin toin toin (irmão nós te amamos)
Toin toi chic chic toin toin toin (família nós te amamos)
Queremos falar sobre uma coisa legal
Foi Deus que inventou é muito especial
Então preste atenção para entender
Nosso recado importante que é pra você
Que bom é ter uma família, família abençoada por Deus,
Papai mamãe e filhos todos sempre unidos buscando a DEUS
A coisa mais preciosa que alguém pode ter
Não são carros, ou mansões, dinheiro pra dar ou vender
O mais importante o que mais tem valor
É viver com a família nos caminhos do Senhor,
Que bom é ter uma família...
Papai e mamãe pensem sempre em mim
Vocês são o modelo que eu vou seguir
Olhando suas vidas quero aprender
a orar, ler a bíblia e o SENHOR conhecer.
Que bom é ter uma família...
Minha casa é o melhor lugar
Onde eu possa aprender a amar
Vou orar por minha família
E sei que Deus vai abençoar
Toin toin chic chic toin toin,
Eu sou um filho muito inteligente
em todas as coisas sou obediente,
meu pai e minha mãe quero sempre alegrar
ajudando em casa e gostando de estudar,
Que bom é ter uma família...
(e aí vamos brincar?)
E aí meu brother você quer brincar?
os meus brinquedos quero compartilhar
não falo mentiras e nem bato em meus irmãos
porque tenho jesus dentro do meu coração.
Que bom é ter uma família...
Falando de família vale a pena dizer
que o importante é respeitar quem cuida de você,
seja papai, mamãe, titia, vovó ou vovô
essa pessoa merece seu amor,
Que bom é ter uma família...
Minha casa é o melhor lugar
onde eu possa aprender amar
vou orar por minha família e sei que Deus vai abençoar
Minha casa é o melhor lugar...
Eu amo minha família (8x)

Toin toin chic chic toin toin toin toin chic chic toin toin toin toin chic chic toin toin
toin toin chic chic toin toi

Músicas das apresentações da festa de encerramento do projeto

Arco-Íris colorido

(Igreja Batista de Sabará)

Refrão:

Um arco-íris colorido
Um lindo bouquet
Branco, preto e amarelo
Cada um especial
Com o seu jeitão
Somos uma só família
Criados pelo Pai lá do céu
Para andarmos em Harmonia
Em perfeita comunhão
Em perfeita comunhão

Muitos são pretinhos lindos,
Outros são brancões
Todas as cores e tamanhos possíveis
Criados com perfeição!
Nós somos sua imagem
Feitos com amor
E de uma coisa sei que é certa
Não é daltônico o Criador

Deus mostrou que é o maior dos mestres
Quando fez você e eu.
E seu senso de humor é grande
É só olhar pro lado que você vai ver
Nós somos tão diferentes,
Mas em Jesus somos sempre um
E o mundo saberá de Cristo
Se nós deixarmos nossa luz brilhar!
Nossa luz brilhar



Apresentação da música “ÁFRICA” do grupo Palavra Cantada



Grupo “Palavra Cantada”

África

Grupo Palavra Cantada

Quem não sabe onde é o Sudão
saberá
A Nigéria o Gabão
Ruanda
Quem não sabe onde fica o Senegal,
A Tanzânia e a Namíbia,
Guiné Bissau?
Todo o povo do Japão
Saberá

De onde veio o
Leão de Judá
Alemanha e Canadá
Saberão
Toda a gente da Bahia
Sabe já
De onde vem a melodia
Do ijexá
O sol nasce todo dia
Vem de lá

Entre o Oriente e ocidente
Onde fica?
Qual a origem de gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo do
Atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá e aqui
África ficará

Basta atravessar o mar
pra chegar
Onde cresce o baobá
pra saber
Da floresta de Oxalá
E malê
Do deserto de alah
Do ilê
Banto mulçumanamagô
Yorubá

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Heloísa de Aquino. *Cândido Portinari: Filho do Brasil, orgulhoso de Brodowski*. Campinas: Árvore do Saber, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998

BRAGA-TORRES. *Contando a arte de Di Cavalcanti*. São Paulo: Noovha América, 2004.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e africana*, Brasília, 2005.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília, 1997.

D'AMBRÓSIO, Oscar. *Contando a arte de CACosta*. São Paulo: Noovha América, 2004.

_____ *Contando a arte de Valdomiro de Deus*. São Paulo: Noovha América, 2004.

BELINKY, Tatiana. *Diversidade*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

CIANNI, Solange. *Doce Princesa Negra*. Brasília: LGE, 2006.

DIOUF, Sylviane A. *As tranças de Bitou*. São Paulo: Cosac e Nayif, 2004.

ESPÍ, Maria Del Pilar. *Vivendo a diversidade: cultura afro-brasileira*. Belo Horizonte: Editora FAPI, 2006.

FAUSTINO, Oswaldo; MACEDO, Aroldo. *Luana: a menina que viu o Brasil neném*. São Paulo: FTD, 2000.

GOMES, Nilma Lino Gomes. *Identidades e Corporidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores(as) para a diversidade étnico racial*. Nilma Lino Gomes et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARQUES, Rodrigues. *Ilê Aiê; um diário imaginário*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1994.

RODRIGUES, Martha. *Que cor é a minha cor*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROSA, Sônia. *Feijoada*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

VIANA, Vivinha de Assis, *Eu sou isso?*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1985.

Fontes consultadas:

ARNAUT, Luiz; LOPES, Ana Mônica. *História da África: uma introdução*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

GOMES, Nilma Lino Gomes. *Identidades e Corporidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores(as) para a diversidade étnico racial*. Nilma Lino Gomes et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as?* In: Margareth Diniz; Renata Nunes Vasconcelos. (Org.). *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores*. Belo Horizonte, 2004, p. 80-108.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Universo Cultural Africano*. IN: Fundação João Pinheiro, 14(7 a 10) 1-187, jul a out de 1984.

GROSGOGEL, Ramon. *Descolonizando los paradigmas de la economía-política: pensamiento fronterizo y colonialidad global*. 2005, Disponível em http://www.grupalfa.com.br/arquivos/congresso_trabalhos II.

Santos, Boaventura. *O fim das descobertas imperiais*. In Oliveira, I.B.; SGARBI, P. (orgs) *Redes culturais: diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Renato Emerson dos. *Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino da Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro*. Trabalho apresentado no XII Encontro de Geógrafos da América Latina- EGA. Montevideú, 2009